

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**"JOSINA TU NÃO MORRESTE": a construção política de Josina Machel pela  
Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)**

Júlia Tainá Monticeli Rocha

Porto Alegre

2021

"JOSINA TU NÃO MORRESTE": a construção política de Josina Machel pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Professora Doutora Natalia Pietra Méndez

Porto Alegre

2021

## CIP - Catalogação na Publicação

Rocha, Júlia Tainá Monticeli

"JOSINA TU NÃO MORRESTE": a construção política de  
Josina Machel pela Frente de Libertação de Moçambique  
(FRELIMO) / Júlia Tainá Monticeli Rocha. -2021.

50 f.

Orientadora: Natalia Pietra Méndez.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas, Bacharelado em História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Mulher. 2. Moçambique. 3. África. 4. Descolonização. 5.  
Biografia. I. Méndez, Natalia Pietra, orient. II. Título.

*Precisamos encorajar mais mulheres a se atreverem  
a mudar o mundo.  
(Chimamanda Ngozi Adichie)*

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar a primeira biografia escrita sobre Josina Machel produzida pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), em 1975. A fonte histórica, e, também, objeto desse estudo, a biografia de Josina Machel, será analisada pela ótica do gênero biográfico em diálogo com a bibliografia pertinente à FRELIMO e ao contexto da inserção das mulheres nesta organização. Portanto, o problema de pesquisa consiste em analisar como essa biografia apresenta a trajetória dessa emblemática mulher refletindo sobre a utilização política da imagem associada a ela. Como referencial teórico metodológico, a pesquisa dialoga com os estudos de gênero e história.

**Palavras-chave:** Frente de Libertação de Moçambique; Organização da mulher moçambicana; FRELIMO; Josina Machel.

## **ABSTRACT**

This research work aims to analyze the first biography written about Josina Machel produced by the Mozambique Liberation Front (Frelimo), in 1975. The historical source, and also object of this study, the biography of Josina Machel, will be analyzed by the perspective of the biographical genre in dialogue with the bibliography relevant to FRELIMO and the context of the insertion of women in this organization. Therefore, the research problem is to analyze how this biography presents the trajectory of this emblematic woman reflecting on the political use of the image associated with her. As a methodological theoretical framework, the research dialogues with gender and history studies.

**Keywords:** Mozambique Liberation Front; Organization of Mozambican women; FRELIMO; Josina Machel.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>PRIMEIRA PARTE – A LIBERTAÇÃO DA MULHER PELA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)</b> .....	<b>13</b>
1.1. Formação da Frente de Libertação de Moçambique .....	13
1.2. As Organizações femininas da FRELIMO: Destacamento Feminino (DF) e a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) .....	19
1.3. “A mulher é elemento transformador da sociedade”: O projeto emancipatório feminino da FRELIMO .....	22
<b>SEGUNDA PARTE - "O FAROL QUE ILUMINA CAMINHOS DA REVOLUÇÃO MOÇAMBICANA": JOSINA MACHEL</b> .....	<b>30</b>
2.1. A independência, o III Congresso da Frelimo e a guerra civil moçambicana .....	30
2.2 “Vi-te viva”: edificando a imagem de Josina Machel .....	33
2.3. “Símbolo da mulher moçambicana emancipada”: A instrumentalização política de Josina Machel através de sua biografia .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>46</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>48</b>

## Introdução

Esta pesquisa consiste em historicizar a construção política de Josina Machel através da sua primeira biografia produzida em 1975 pelo Partido Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo)<sup>1</sup>. Durante o governo do primeiro presidente moçambicano Samora Moisés Machel, é possível perceber o desenvolvimento do imaginário popular sobre alguns militantes da Frente de Libertação de Moçambique, a partir das publicações oficiais do Partido em suas coleções organizadas pelo Órgão de Informação e Propaganda e das publicações da revista Tempo<sup>2</sup> no período após a independência do país. O próprio Presidente Samora Moisés Machel é conhecido atualmente como o “pai da nação”<sup>3</sup>, assim como, o “símbolo da emancipação da mulher” tem sua representação na figura de Josina Machel, foco central deste estudo.

O acordo de Lusaka, realizado na cidade de Lusaka, na Zâmbia, foi o palco para a assinatura, em 7 de setembro de 1974, entre o governo português representado por Mário Soares, no momento ministro dos Negócios Estrangeiros do primeiro Governo português provisório, e Samora Moisés Machel, Presidente de Moçambique e líder da FRELIMO, para a transferência do poder estatal. Embora a luta anticolonial garantisse zonas libertadas organizadas pela FRELIMO, a experiência de governação ainda era nula. Dessa forma, o acordo de descolonização garantiu durante um ano a constituição de um governo transitório constituído por seis elementos da Frelimo e quatro elementos do Estado português. O processo foi marcado pela ausência de eleições livre. O governo transitório durou apenas nove meses de administração antes da oficialmente declarada independência, em julho de 1975.

Segundo Isabel Casimiro (2004), a Frelimo após a independência reivindicou o lugar de “herdeira dos ideais revolucionárias do iluminismo, do socialismo utópico e do ideário marxista” (CASIMIRO, 2004, P. 186). Baseado na lógica do socialismo da década de 1970, o governo da Frelimo estava fundamentado na ideia de edificação de uma “nova sociedade” com “mulheres novas” e “homens novos”, a independência significou o momento ideal para a construção de uma nova realidade. Para tanto, foi na tentativa da

---

<sup>1</sup> Neste trabalho diferenciamos FRELIMO com letras maiúsculas para identificar o período ainda como movimento revolucionário (antes de 1975) e Frelimo, com apenas a letra inicial em maiúscula, para identificar como partido único pós independência (após 1975).

<sup>2</sup> Revista oficial da Frente de Libertação de Moçambique após a independência do país em 1975.

<sup>3</sup> Para Catroga (2005) os mitos de origem são fundamentais na edificação de projetos nacionais como marcos fundadores da nação.

criação de uma unidade nacional que a Frelimo coloca como prática política a ideia de um padrão identitário pautado pelo Estado. É nesse contexto que o Partido único, promoveu uma série de modificações para a sociedade em prol da constituição de uma nação homogênea e unívoca e que ansiava pela diminuição das diferenças<sup>4</sup>.

Importa salientar que não é possível falar de Josina Machel sem fazer referência à importância histórica, ou seja, sem falar da luta das mulheres no contexto do continente africano e mundial. Para a pesquisadora Francisca de Haan (2018) se houvesse um domínio no qual a União Soviética poderia impressionar o mundo e, portanto, poderia competir pacificamente com os EUA, era o status e os direitos das mulheres. Ou seja, é de grande importância para esse trabalho destacar a influência da União soviética no que se refere aos direitos das mulheres durante as décadas de 1960 e 1970.

Portanto, este trabalho perpassa o complexo e diverso contexto da Guerra Fria. A FRELIMO era participante ativa nas redes de contatos estabelecidas pelos encontros internacionais promovidos pela URSS e outros países socialistas. Entre esses encontros, muitos foram dedicados à participação das mulheres e seus direitos. Para a pesquisadora Judy Tzu-Chun Wu (2018) a década de 1960 e 1970 é marcada pela reunião, correspondência e encontros entre mulheres, em todo o mundo, e evidencia a capacidade de estabelecer um sentimento de indignação moral entre as mulheres além das fronteiras nacionais, culturais, raciais e de classe, principalmente fundada na crença de que todos os seres humanos poderiam compartilhar de um senso de comunidade e propósito (2018, P. 211).

É dentro desse escopo de pesquisa, que percebemos o desenvolvimento de um feminismo internacionalista promovido principalmente pelos países que compunham o bloco soviético e participaram de lutas anticoloniais<sup>5</sup>. Dentro do imaginário do ativismo internacional do período, Judy Tzu-Chun Wu (2018) desenvolve o conceito de “orientalismo radical”, ou seja, considera fundamental a diferença entre as mulheres do

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar que a diversidade cultural do país é marcada pela constituição de uma grande diversidade de povos existentes em todo o território. Como se sabe, oficialmente existem trinta e uma línguas diferentes originárias do tronco linguístico Banto. Essas línguas são correspondentes aos onze principais grupos étnicos que povoam Moçambique. De maneira geral, as sociedades moçambicanas são identificadas a partir da relação de parentesco com base em um sistema de linhagens, sendo essas fundadas por uma filiação vinculada à família do pai (patrilineares) ou à família da mãe (matrilineares). Essas organizações distinguem os povos entre si, porque desenvolvem práticas culturais e ritos próprios de cada etnia.

<sup>5</sup> Esse fato fica evidente quando nos deparamos com uma série de organizações femininas vinculadas a organizações anticoloniais como a União das Mulheres do Vietnã, a Organização das Mulheres Angolanas, a Organização da Mulher na Tanzânia e por óbvio a Organização das Mulheres Moçambicanas.

ocidente e do oriente em um período onde indivíduos do oriente moldaram ativamente suas imagens para o ocidente<sup>6</sup>. Nesse contexto, Josina Machel é promovida pela FRELIMO como o “ícone da emancipação da mulher moçambicana” e serve como modelo e mentora, não somente para os propósitos do projeto político da FRELIMO para o seu país, mas serviu para definir a identidade e os objetivos da Frente em perspectiva global. Mulheres como Josina Machel, para Ifi Amadiume, (1998), desafiam as noções universalistas desenvolvidas no ocidente sobre o oriente.

Um mês após a morte de Josina Machel, o viúvo Samora M. Machel, da base da FRELIMO na Tanzânia, escreveu poesias em sua homenagem. Seus escritos foram publicados na revista *Tempo* somente quatro anos após o seu falecimento. Ou seja, após a independência do país, em 1975, ano em que é possível perceber o início da construção de uma imagem heroica vinculada a Josina Machel, entendendo-a como vanguarda de uma luta emancipatória e libertadora vinculada à nação e à mulher. Eis fragmentos de uma das poesias publicadas na biografia que integra as fontes históricas dessa investigação:

Não te encontrei na casa,  
Mas no rosto de toda a gente,  
Na machamba e na horta  
VI-TE VIVA! (...)  
É doloroso perdemos o quadro,  
É doloroso perdemos a mulher  
Que soube na revolução emancipar-se  
É doloroso perdemos-te  
Quando ainda somos tão poucos e tanto resta a fazer.  
É doloroso perdemos aquela que combinou inteligência com o  
matope para fazer crescer a planta nova.  
É doloroso perdemos quem no mundo e na Pátria  
ASSUMIU A NOVA MULHER MOÇAMBICANA. (...)  
Assim, na luta na revolução te encontro continuamente  
A minha vida pertence à revolução. (MACHEL. [1971] in: *Tempo*,  
1975. p. 12)

A construção da identificação da Josina a qualquer mulher moçambicana está presente nesse imaginário simbólico edificado pela Frente de Libertação. A sua imagem servia como exemplo ainda vivo da “nova” mulher militante da Frelimo. Essas mulheres

---

<sup>6</sup> Como exemplo, Tzu-Chun Wun (2018) salienta que a imagem da mulher asiática sexualizada e vitimada foi substituída pelas mulheres lutadoras das guerras vinculadas as lutas anticoloniais e serviram como um novo modelo de feminilidade revolucionária.

deveriam moldar o seu comportamento moral e ético a partir do exemplo de Josina Machel descritos pela Frelimo.

Para Amanda Carneiro dos Santos (2018), a análise da trajetória histórica de Josina Machel evidencia o processo de inversão ideológica que transformaram sua história em uma "trajetória unívoca e absolutamente coerente, sem ambiguidades, paradoxos ou contradições" aspectos fundamentais "para a construção da narrativa heroica" (2018, p.121), por outro lado, a pesquisadora é sensível em perceber que ao se tornar um símbolo da mulher moçambicana, Josina Machel perde não apenas a história da própria vida, mas concomitante submerge sua humanidade ao cunhar um exemplo de mulher emancipada.

Para a antropóloga Maria P. Meneses (2015), o período da luta armada anticolonial da FRELIMO estruturou o seu projeto nacionalista. A narrativa construída objetivou as denúncias do colonialismo português e a submissão dos moçambicanos ao trabalho forçado. Por outro lado, para a pesquisadora Cristiane Soares de Santana (2014), em sua investigação preocupada com as representações sobre as mulheres emancipadas no pós-independência moçambicano, percebeu que a emancipação feminina da FRELIMO era uma forma de reenquadrar as mulheres em novos papéis sociais. No reforço da militância política feminina, o desenvolvimento do projeto libertário feminino da Frente fortaleceu as bases do reenquadramento identitário projetado pelo Partido no comando do Estado moçambicano.

A pesquisadora Signe Arnfred (2015) complexifica o caráter moderno do projeto político da Frelimo ao constatar as modificações na alfabetização, na educação, nos novos pensamentos e nas novas ideias sugeridas para as mulheres e para os homens, rompe com uma série de esferas restritas de gênero. A especialista, entretanto, explicita que o caráter moderno, como ocorreu em Moçambique, também promoveu o poder dos homens e criou novas hierarquias de gênero que não existiam antes do referido projeto.

A FRELIMO se mostrou preocupada em contar sua própria história desde o início da luta anticolonial, reavivou o seu passado e o tornou presente<sup>7</sup>, nas páginas de suas publicações oficiais. Esse recurso foi utilizado pelo Partido Frelimo em um processo de

---

<sup>7</sup> Podemos citar, para além de Josina M. Machel, outras figuras históricas que a Frelimo utilizou para compor sua própria história, como o último imperador do Reino de Gaza o Ngungunhane, tornou-se símbolo da resistência anticolonial moçambicana. Ver mais em: LIESEGANG, Gerhard J. Ngungunyane: a figura de Ngungunyane Nqumayo, Rei de Gaza 1884-1895 e o desaparecimento do seu Estado. Maputo: Editora do Arquivo do Patrimônio Cultural, [1986] 1996. Coleção Embondeiro, n. 8.

oficialização da própria história da nação moçambicana após a independência do país<sup>8</sup>. O acervo selecionado para este trabalho ilustra muito bem o quadro composto pela Frelimo de um entrelaçamento de temporalidades. Esse efeito do passado no presente moçambicano foi percebido pelos especialistas Omar Ribeiro Thomaz (2009) e Marçal de Menezes Paredes (2014).

Utilizaremos para esta investigação o gênero biográfico como método de análise, uma vez que, “partindo de trajetórias individuais alcançam questões mais gerais sobre a dinâmica da vida em sociedade, em diferentes tempos e espaços” (MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012, p.90). Portanto, a história das mulheres e o gênero biográfico são dois suportes importantes para essa investigação, principalmente ao percebermos que “as fronteiras do gênero constroem um campo de possibilidades para a ação do indivíduo” (MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012, p. 93). Ao utilizarmos o espaço biográfico precisamos estar atentos como salienta a pesquisadora Leonor Arfuch (2010) para a tensão entre o público e o privado que revela uma profunda imbricação entre indivíduo e sociedade. Esse horizonte analítico é valioso nesta pesquisa pois contribui para a compreensão, em termos discursivos, das diferenças singulares entre indivíduos negando as análises generalizantes que se desenvolvem em nome da regularidade e das continuidades históricas (SCHMITD, 2003).

Para lançar luz a todas essas questões, este trabalho está organizado em um primeiro capítulo que consiste em apresentar o contexto de criação da Frente de Libertação de Moçambique, a criação de suas organizações femininas e o desenvolvimento dos principais pilares do projeto político por emancipação da mulher, no qual Josina Machel é a representante mais destacada. A segunda parte desta investigação é dedicada a análise da primeira biografia de Josina Machel produzida pelo Partido Frelimo após a independência do país e o desenvolvimento do seu projeto político e ideológico de reconstrução nacional.

Por fim, é preciso salientar que o problema de pesquisa desta investigação está centrado nas mobilizações utilizadas na construção política de Josina Machel como “ícone da mulher emancipada” na primeira biografia escrita sobre ela e que corroboram e dão sentido ao projeto político e ideológico do Estado moçambicano.

---

<sup>8</sup> Em julho de 1978, Samora M.Machel inaugurou, em Maputo, o Museu da Revolução organizado pelo Departamento Ideológico do Partido. Dedicado a explicar uma parte da história do território moçambicano a partir dos materiais produzidos pela FRELIMO durante a luta anticolonial (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1978).

## **PRIMEIRA PARTE – A libertação da mulher pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)**

A mulher avança por dentro da imagem. Por detrás dela está o tempo. O tempo de um país que demorou muito sangue a se encontrar. De uma nação que apenas se reflecte em espelho quebrado. De um povo que pagou caro a ter sonhado. E apesar de tudo ela se move, a mulher. Como um planeta dentro da terra, como se os seus pés pisassem a própria luz que a sua caminhada vai fabricando. (Mia Couto. Prefácio do livro de Carlos Dominguez; *Com o mundo na cabeça* – Homenagem às mulheres de Moçambique, Associação do Centro Cultural de Matalana, Figueira da Foz, 1997).

A pesquisa em questão tem em seu primeiro capítulo o objetivo central da análise dos primeiros anos de formação e desenvolvimento da luta anticolonial iniciada pela FRELIMO, com especial atenção aos contextos de criação do Destacamento Feminino (DF) e da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Enquadra, dessa forma, a importância das organizações femininas dentro do desenvolvimento do projeto político e ideológico que visava a emancipação da mulher do qual Josina Machel foi elencada como representante oficial.

### **1. 1. Formação da Frente de Libertação de Moçambique**

A decisão de uma organização única para combater o colonialismo português, tornou possível a criação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) a partir da fusão de três grandes movimentos nacionalistas já existentes. O primeiro movimento denominado Mozambique African National Union (MANU), o segundo União Africana de Moçambique Independente (UNAMI) e o terceiro União Democrática de Moçambique (UDENAMO).

A criação de uma ampla Frente anticolonial não impossibilitou as divergências entre os grupos, ocasionados pelas diferentes correntes políticas de cada movimento, principalmente, nos primeiros anos de sua formação. Dessa maneira, as divergências políticas na FRELIMO fomentaram grandes discussões em torno de temas como a guerra, o exército, a tendência política e a emancipação feminina (SANTANA, 2006).

O I Congresso da FRELIMO definiu os órgãos fundamentais da Organização e estabeleceu a luta armada como meio para a conquista de uma independência total de Moçambique. O inimigo a ser combatido foi definido como o colonialismo português e o imperialismo. Além de reafirmar apoios internacionais, o primeiro congresso foi

importante para a formulação da primeira constituição do movimento. Como se registrado na ata do Congresso:

1. Desenvolvimento e consolidação da estrutura da organização da FRELIMO;
  2. Desenvolvimento da unidade entre os moçambicanos;
  - [...]5. Empregar todos os esforços para promover o acesso rápido de Moçambique a Independência;
  6. Promover, por todos os meios, o desenvolvimento social e cultural da mulher moçambicana;
  7. Promover desde já a alfabetização do povo moçambicano, criando escolas onde for possível;
  8. Tomar as medidas necessárias afim de prover as necessidades dos órgãos dos diferentes escalões da FRELIMO;
  9. Encorajar e apoiar a formação e consolidação das organizações sindicais, de estudantes, da Juventude e de Mulheres;
  10. Cooperação com as organizações nacionalistas das outras colônias portuguesas;
  11. Cooperação com as organizações nacionalistas africanas;
  12. Cooperação com os movimentos nacionalistas de todos os países;
- (COMITE CENTRAL DA FRELIMO, 1963, p. 26-28)

Entre os dezessete pontos defendidos, a formação política das mulheres já era destaque, número 6, no esforço do desenvolvimento social e cultural da mulher. A ata marca o início da promoção na criação de organizações exclusivamente femininas como afirma o ponto número 9. A alfabetização dos moçambicanos, como no ponto 7, também era um fator importante para as mulheres. A FRELIMO foi a grande defensora da educação feminina como meio de sua própria emancipação. Por fim, outro fator determinado pelo Congresso foi estabelecer esforços na criação de uma rede de apoio internacional para auxiliar no preparo para o início da luta armada. Assim estabelecia a importância dos encontros internacionais, entre os eventos alguns eram exclusivamente composto por mulheres, eventos essenciais para o fomento do debate sobre direitos femininos no qual as mulheres da FRELIMO participaram durante os anos da luta anticolonial<sup>9</sup>.

A rede de apoio entre os diversos movimentos<sup>10</sup> de libertação foi estabelecida logo nos primeiros anos da formação da FRELIMO. As lutas anticoloniais mantinham

---

<sup>9</sup> Entre eles podemos citar a Conferência Afro-asiática das mulheres e a Conferência Pan-africana das mulheres que reuniram, em 1972, uma série de movimentos femininos principalmente dos países que procuravam alternativas as esferas de influência dos EUA e da URSS no contexto da Guerra Fria.

<sup>10</sup> A influência principalmente veio dos países de língua oficial portuguesa como a Guiné Bissau e Cabo Verde, em 1956, com o Partido Africano para Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC) de Amílcar Cabral. Anos depois em Angola, a fundação do Movimento para a Independência de Angola (MDIA) de Pierre M'BALÁ e o Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUA) os dois movimentos formaram O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Ainda em Angola surge

relações em escala internacional, as organizações se inserem em um escopo das linhas políticas da esquerda durante a guerra fria. A Frente recebia financiamento, mantimentos, armamentos e treinamento militar de países como a China, a URSS e Cuba. É importante ressaltar a presença de cubanos<sup>11</sup> entre os guerrilheiros da FRELIMO na sua base na Tanzânia (FERRÃO, 2002). Segundo Milhazes (2010) outro importante campo de treinamento, era mantido por russos soviéticos e estava localizado na aldeia de Perevalnoe, na Criméia (atualmente na Ucrânia). Esse campo recebeu militantes dos mais diversos movimentos de libertação em todo o mundo. Enquanto, a FRELIMO estendia suas campanhas de mobilização clandestinamente a fim de recolher fundos e aumentar o número militantes para o início da luta anticolonial em 1964.

Em 1966, o Comitê Central da FRELIMO em uma reunião formalizou duas decisões importantes, oficialmente reconheceu a participação de mulheres na formação da FRELIMO e declarou que “as mesmas armas que combatiam o colonialismo português deviam ser também dirigidas contra o tribalismo, regionalismo e racismo” (MUIUANE, 2006, p.79). A decisão do Comitê Central tornou a resistência e eliminação ao “tribalismo, regionalismo e obscurantismo” a principal plataforma política que orientou a organização e foi determinante para o projeto político e ideológico do movimento. Dessa forma, em 1967, Eduardo Mondlane, o primeiro líder revolucionário da FRELIMO, faz um importante comunicado a partir de leituras políticas e sociológicas que reforça a decisão tomada pela Frente um ano antes.

A FRELIMO é uma organização política nacionalista, composta de elementos provenientes de todas as partes, de tribos ou grupos étnicos nacionais dentro do contexto descrito na primeira parte deste trabalho. A Nação Moçambicana, como várias nações do Mundo, é composta de muitos povos com tradições e culturas diferentes, mas unidos por uma experiência histórica e o mesmo destino político, econômico e social, engajados na mesma tarefa sagrada - a de lutar pela sua libertação. No passado os portugueses aproveitaram-se das divisões naturais que distinguem as populações de uma região das da outra ou duns grupos culturais dos outros; eles aproveitaram-se das animosidades tradicionais entre as várias tribos moçambicanas. Hoje a FRELIMO encontra-se empenhada na missão sagrada de unir as massas populares contra o invasor comum, transformando as energias acumuladas durante os séculos de separação imposta pelo colonialismo, numa força invencível contra o inimigo comum, fazendo dos usos dos talentos de

---

a União dos Povos de Angola UPA de Holden Roberto, em 1962, passa a se chamar Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA).

<sup>11</sup> Essa intervenção estava diretamente relacionada a estratégia política defendida, por exemplo, pelo argentino Che Guevara, que planejava avançar e iniciar uma luta global, para o auxílio das lutas armadas africanas como de Angola e Moçambique. Assim como, também auxiliou na luta contra as ditaduras da América Latina.

cada uma das tribos nacionais para o bem da luta. (MONDLANE, Eduardo apud MUIUANE, 2006, p.86-88)

Reuniu esforços para minimizar as diferenças étnicas e justificar a união de todos os povos na formação da unidade nacional. Essa decisão gerou graves conflitos do ponto de vista cultural. A eliminação das práticas culturais das mais diversas sociedades tradicionais<sup>12</sup> das diferentes populações que compõem o país ocasionava o não reconhecimento dos valores e modo de vida da população<sup>13</sup>.

Os diversos trabalhos de feministas africanas, como Chimamanda Ngozi Adichie, e da nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí, desenvolvem-se dentro da perspectiva de estudos de gênero, temática que está cada vez mais trazendo à tona a questão das diversas formas de organização social existentes em África. É possível perceber, a partir desses estudos, que a noção ocidental da separação de papéis sociais de gênero nem sempre corresponde às realidades africanas.

Em Moçambique, isso é perceptível porque a diversidade étnica existente em território moçambicano possibilitou que a mulher desenvolvesse os mais diversos papéis sociais. De maneira geral, as sociedades moçambicanas são identificadas a partir da relação de parentesco com base em um sistema de linhagens, sendo essas fundadas por uma filiação vinculada à família do pai ou à família da mãe (GEFRAY, 2000). Entre essas linhagens é reconhecida a existência de uma bifurcação: existe a patrilinearidade, isto é, aquela linhagem advinda da família do pai, predominante na região sul e centro, e a matrilinearidade, a saber, aquela vinculada à família da mãe predominante na região norte e centro. No período histórico analisado nesta investigação, as duas formas de filiação coexistem em território moçambicano.

Eduardo Mondlane criou um conceito de povo moçambicano homogêneo a partir da repressão, justificou sua interpretação de uma origem em comum das etnias da família Banto através da partilha de práticas culturais semelhantes. Fomentou a criação de uma unidade que ignorava as diferenças marcantes entre as populações do norte, centro e sul

---

<sup>12</sup> Usa-se o termo tradicional neste trabalho para designar povos que mantinham costumes e práticas culturais próprias de suas etnias e que os diferenciavam entre si. De nenhuma maneira seu significado está relacionado a povos estáticos ou parados no tempo.

<sup>13</sup> É importante compreender as graves consequências que gerou o processo de repressão desse período em Moçambique. A construção, a partir de 1977 até 1988, de 1.300 machambas (ou campos de cultivo comunais) chamados campos de reeducação, onde na verdade, levaram milhares de pessoas ao trabalho forçado e a obrigatoriedade de aulas de marxismo leninismo. Nesses campos existia uso violento de um instrumento de repressão colonial, o chibalo. Ver mais em: THOMAZ, Omar Ribeiro. Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. Revista de Antropologia. 2008, p. 177- 214.

de Moçambique. A FRELIMO objetivava assumir o papel de vanguarda na luta anticolonial e defender os interesses do povo moçambicano em unidade nacional. O que o líder revolucionário escreveu, em 1967, foi estabelecido como proposta política e orientou a FRELIMO como movimento revolucionário.

O II Congresso da FRELIMO, em 1968, modifica o programa e o estatuto do movimento. O órgão regulador da FRELIMO, o Comitê Central foi modificado para abarcar a linha defendida pelo grupo socialista. Assim como a questão da mulher ganhava relevância entre as pautas do Congresso ao afirmar “A mulher moçambicana foi sempre considerada um simples instrumento de prazer pelos colonialistas. As nossas mães, filhas são violadas impunemente pelos colonos” (RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO DA FRELIMO, 1968). Uma das resoluções desse Congresso reafirmava o compromisso de “promover a emancipação política, social, econômica e cultural da mulher moçambicana: realizar a igualdade de direitos entre homens e mulheres” (RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO DA FRELIMO, 1968).

Outro fator que modificaria profundamente a história da FRELIMO, foi a morte de seu primeiro líder revolucionário Eduardo Mondlane. Samora Moisés Machel<sup>14</sup> assumiu, em 1969, o cargo de líder do movimento revolucionário, até 1986 quando morreu em um acidente aéreo. Diferente do projeto inicial da FRELIMO, a modificação na direção significou a aproximação política da organização a pensamentos políticos da esquerda, radical e modernistas defendidos abertamente por Samora M. Machel. Dessa forma, o novo líder mantinha aspectos políticos diferentes de seu antecessor Eduardo Mondlane. Segundo Newitt (2012) a presença marcante da influência dos pensamentos políticos correntes na década de 1960, principalmente do marxismo de Amílcar Cabral e Julius Nyerere, assim como, a presença de ideias de Giap, Mao Tsé-tung e Franz Fanon, entre outros, formam o amplo panorama político do pensamento de Machel. A morte de Eduardo Mondlane marca o fim da ala mais moderada dentro da FRELIMO.

Contudo, Samora M. Machel desenvolveu junto a FRELIMO, um projeto político ideológico a partir de suas próprias leituras do socialismo. Defendia uma revolução popular, e a continuação do combate ao “tribalismo, o regionalismo e o obscurantismo”,

---

<sup>14</sup> Nasceu em 1933, na Província de Gaza, ao sul de Moçambique, sua família era originária da etnia shangana (ao sul do rio Zambeze), assim como Eduardo Mondlane. Em 1963, a convite do próprio Eduardo Mondlane, entra para a FRELIMO. No mesmo ano, recebeu treinamento militar na Argélia e em 1964 fez parte do exército da Frente e esteve presente nos primeiros ataques da luta anticolonial. Com a morte Filipe Samuel Magaia em 1966, assumiu a direção do Departamento de Defesa (DD) da FRELIMO e se manteve no cargo até assumir como líder revolucionário.

o comandante militar das tropas da Frelimo manteve uma política altamente disciplinadora e militarizada como líder revolucionário e modificou profundamente o programa da Frente. Samora Machel afirmou que a emancipação feminina era extremamente necessária para a luta revolucionária e impulsionava a consolidação da luta de libertação da FRELIMO. Em seus discursos, colocou em pauta a mulher como o ser humano mais humilhado, explorado e oprimido dentro da sociedade colonial. Por outro lado, fez ver em suas palavras que tudo poderia ser diferente se estivessem filiadas à Organização das Mulher Moçambicana, em que a mulher tinha o lugar que lhe era de direito, assumindo uma imagem positiva na qual a mulher era capaz de se libertar das iniciativas que a mantêm como “escrava dos escravos”<sup>15</sup>.

A realização de largas campanhas de mobilização auxiliou o movimento a atrair mais militantes das regiões rurais. O campesinato foi identificado como a classe mais oprimida da sociedade. Foi dedicada atenção ao alistamento dos líderes tradicionais como chefes e dirigentes de associações e cooperativas, na tentativa de estabelecer relações plurais entre as populações na criação de uma unidade de militantes homogêneos e coesos, determinou o fim das diferenças de origem étnica<sup>16</sup>.

O projeto idealizado pela organização adaptava o socialismo à realidade social de Moçambique, estruturou dessa forma um socialismo singular. Porém, o projeto imposto pela FRELIMO, enfrentou diversos conflitos e muitas vezes proibiu práticas culturais exercidas pelas diferentes populações moçambicanas. Defendeu os pressupostos da ciência e do marxismo leninismo como cartilha de construção da identidade nacional de Moçambique, gerou intensos conflitos entre os moçambicanos e a direção da Frente. Importa salientar que a FRELIMO não era composta por um grupo homogêneo e uno, haviam vozes destoantes dentro da própria organização e resistência fora dela, realizada por alguns povos moçambicanos que não aceitavam a tentativa de reenquadramento identitário da Organização (CAHEN, 2019).

---

<sup>15</sup> Por essa afirmação, o discurso de Samora Machel intitulado “A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia de sua continuidade e condição de seu triunfo” (1973) tornou-se um clássico dos anos 70 devido a um debate em torno das estratégias para o desenvolvimento da emancipação feminina. Muitos textos desse período sobre experiências concretas de participação feminina em processos revolucionários como na China, na Albânia e no Vietnã dão base para as discussões desenvolvidas pelo movimento feminista do período.

<sup>16</sup> Essa orientação foi a base da campanha de “De Rovuma à Maputo” como ficou conhecido, imposta pelo presidente de Samora Moisés Machel após a independência. E orientou as políticas levadas a cabo pelo novo governo.

## **1. 2. As Organizações femininas da FRELIMO: Destacamento Feminino (DF) e a Organização da Mulher Moçambicana (OMM)**

Segundo a documentação oficial, a criação do Destacamento Feminino (DF) se deu durante a luta anticolonial, em 04 de março de 1967, inicialmente contavam com a participação de 25 mulheres que integraram as Forças Populares da FRELIMO. Outras leituras possíveis, contrariam a documentação oficial, como da pesquisadora Isabel Casimiro (2004), apontam que o Destacamento Feminino se formou a partir da vontade própria das mulheres que procuraram a base de treinamento da FRELIMO e dedicavam-se a impulsionar a Revolução em Moçambique. As mulheres confrontaram a necessidade de defesa e mobilização das populações nas zonas libertadas ou nas zonas ainda mantidas pelo controle português. O objetivo central era enfrentar as tropas portuguesas lado a lado com os militantes homens. Segundo Casimiro (2004), a mobilização dessas mulheres inicia ainda em 1965, um ano após o início da luta anticolonial, formou o primeiro grupo de mulheres que solicitaram o treinamento político e militar e constituíram primeiro grupo do Destacamento Feminino.

A direção do Destacamento feminino foi escolhida pela FRELIMO entre elas vinculam-se os nomes de Josina Machel, Marina Pachinuapa, Mónica Chitupila e Filomena Nashake (ZIMBA, 2012). A participação de muitas mulheres como Josina Machel do DF foi vinculada ao NESAM<sup>17</sup>. O Núcleo foi o responsável, segundo Jacimara Santana (2009), em fomentar a participação política de milhares de estudantes entre eles jovens mulheres nas organizações da FRELIMO. Os seus esforços no sentido de divulgar uma propaganda anticolonial realizaram campanhas de mobilização favoráveis a FRELIMO antes mesmo da formação do DF incentivou o sentido de luta em milhares de jovens moçambicanas. Os estudos realizados no Núcleo favoreceram mulheres como Josina Machel a ocupar cargos de alta relevância na FRELIMO, a exemplo, quando coordenou a Seção da Mulher no Departamento dos Negócios Estrangeiros.

A insegurança sentida pelas mulheres, segundo a argumentação de Casimiro (2005), impulsionou sua vontade de organização sobre a liderança da FRELIMO. No sul do país era comum a ausência masculina nas comunidades, devido ao trabalho forçado instituído pela colonização portuguesa, milhares de homens foram levados as minas localizadas na África do Sul. Como consequência a ausência dos homens, povoados inteiros eram formados por crianças, velhos e mulheres que assumiam o papel antes

---

<sup>17</sup> O Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM)

realizado pelos homens. Ao norte o trabalho forçado não era comum como no sul, porém a mobilização de capital humano para o fortalecimento das bases militares da FRELIMO também foi outro ponto que contribuiu para a ausência masculina, uma vez que a base militar da FRELIMO localizava-se na Tanzânia. Esses dois fatores forçaram as mulheres a ocuparem os mais diversos espaços sociais onde exerceram inúmeras atividades econômicas.

O reconhecimento pelo Comitê Central, contudo, só veio em 1972, apontaram a criação do DF como uma das decisões mais importantes tomadas pela organização dentro das Forças Populares de Libertação de Moçambique (COMITE CENTRAL DA FRELIMO, 1972). É possível perceber, que o reconhecimento das mulheres na luta anticolonial não foi assumido de maneira imediata. Foram os resultados positivos de seus trabalhos junto às tropas masculinas da FRELIMO que ocasionaram seu reconhecimento por parte da direção do Comitê Central. A participação feminina como linha de frente da luta anticolonial surpreendeu a FRELIMO. As mulheres garantiram diversas vitórias no campo de batalha, além de sua ampla contribuição no campo político. Deste modo, a mulher foi reconhecida como ferramenta fundamental nas vitórias da FRELIMO contra o colonialismo português.

Este fato, e a participação efetiva das mulheres no Destacamento Feminino, para além das limitações e insuficiências que teremos ocasião de verificar, representa um marco histórico na condição da mulher moçambicana, uma ruptura brusca mas tornada imperativa por séculos de opressão a que se contrapunha o desencadeamento da luta armada de libertação nacional. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1972, p. 11)

A criação do DF durante a luta de libertação, manteve ativa a participação das mulheres nos quadros da Frente. Recebiam treinamento político e militar e participavam diretamente na guerra anticolonial. Operaram como peças fundamentais no desenvolvimento de melhorias nos campos como da saúde, da educação e do saneamento básicos nas zonas de libertadas, através das campanhas de mobilização<sup>18</sup> junto à população. É interessante notar que nesta passagem, as “limitações e insuficiências” estavam vinculadas a própria participação da mulher na luta armada. Algumas mulheres não preenchiam os requisitos para a participação militar e ficavam a margem do processo revolucionário. As limitações e insuficiências da participação da mulher na FRELIMO só

---

<sup>18</sup> As campanhas de mobilização foram um dos objetivos centrais no início da criação do Destacamento Feminino, que atuou nas mais diversas áreas nas zonas libertadas pela FRELIMO. Esse objetivo torna-se central novamente após a criação da Organização das Mulheres Moçambicanas.

foram resolvidas com o desenvolvimento da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) como veremos nas próximas páginas desta investigação.

O Destacamento foi importante para o desenvolvimento de uma nova visão dos homens sobre as mulheres. Porém, a criação do Destacamento Feminino não garantiu o rompimento dessas mulheres e homens com os valores percebidos como reacionários e burgueses pela FRELIMO, assim como, não determinou o fim da desigualdade de gênero.

Ao nível de participação concreta, o peso dos mitos manifesta-se de várias formas. Tomaremos um dos exemplos mais significativos: por vezes as mulheres que participam no Destacamento Feminino consideram essa participação não uma atitude normal e permanente mas um momento excepcional na sua vida. Dois ou três anos mais tarde, as militantes do Destacamento Feminino abandonam as fileiras do Exército e regressam às famílias para casar, e ter filhos e permanecer em casa pois é esta a função social que elas consideram ser-lhes destinada. Se tomamos este exemplo é para mostrar que mesmo no seio das mulheres cujo nível político é mais avançado e cuja integração na luta bastante grande o peso das tradições persiste. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1972, p. 13)

Até 1973, o único corpo organizacional existente exclusivamente de mulheres dentro da FRELIMO era o Destacamento Feminino. O DF era insuficiente em abranger a totalidade das mulheres em território moçambicano. Consequentemente, muitas mulheres após dois ou três anos compondo as fileiras do Destacamento Feminino regressavam para suas famílias. A Frente revolucionária apontou esse problema como um obstáculo na continuação do trabalho da mulher na luta da FRELIMO, foi necessária a criação de uma organização maior que mantivesse objetivos claros de reivindicação de direitos políticos e sociais referentes a emancipação das mulheres moçambicanas.

Pensada e organizada por homens, as indicações da 5ª sessão do Comitê Central da FRELIMO, realizada em dezembro de 1972, mantinham entre suas pautas a criação da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM), e também, a realização da Primeira Conferência da Mulher Moçambicana, ambas realizadas em 1973. As designações foram publicadas pela Revista oficial da FRELIMO, a Voz da Revolução, em 1972, ao fim da reunião.

[...] O Comitê Central considerou que uma das tarefas prioritárias da nossa luta deve ser o combate pela emancipação da mulher, combate que deve constituir uma preocupação essencial de todos os revolucionários moçambicanos, tanto dos homens como das mulheres. Isso permitirá não só mobilizar de maneira efetiva as potencialidades da mulher moçambicana ao serviço da luta contra o colonialismo português, mas também pôr um termo às práticas discriminatórias e

exploradoras da sociedade tradicional e colonial em relação à mulher, permitindo-lhe assumir integralmente o seu papel de cidadã. A fim de impulsionar este combate pela emancipação da mulher o CC decidiu criar uma Organização das Mulheres Moçambicanas, que tendo por núcleo o Destacamento Feminino permita englobar todas as mulheres engajadas nos diversos sectores de atividade. (Voz da Revolução, 1972, p. 19)

Desta reunião, além da nova Organização, o Comitê Central da FRELIMO elaborou um documento base para o início de seu novo projeto vinculado a emancipação feminina, em 1972, intitulado *A mulher é elemento transformador da sociedade* que integra o volume nº 10 da coleção “Estudos e Orientações” publicado posteriormente em 1976. Em outubro de 1976, o documento é editado e publicado pelo Departamento de Informações e Propaganda da FRELIMO em Maputo. Em Março de 1980<sup>19</sup>, ganha sua segunda edição pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco com 20.000 exemplares. A documentação também obteve uma publicação na Revista Notícias em 24 de outubro de 1976 das páginas 2 a 4. A documentação oficial é a primeira a elevar a mulher moçambicana a seu novo status de cidadã e será o foco de análise no próximo subcapítulo.

### **1. 3. “A mulher é elemento transformador da sociedade”: O projeto emancipatório feminino da FRELIMO**

A documentação que será analisada nessa seção está centrada em explicar os motivos que levaram a FRELIMO a estabelecer a emancipação da mulher como um dos objetivos principais de sua Revolução. Segundo o Comitê Central, o mesmo sistema que juntamente com o colonialismo português submetia o homem ao trabalho forçado e ao pagamento de altos impostos também submetia a mulher a prostituição. Deste modo, a subjugação da mulher estava associada a aspectos externos relacionados aos valores reacionários e burgueses percebida, sobretudo, como produto do capitalismo. A administração colonial iniciou a prática obrigatória do trabalho assalariado na ausência do trabalho voluntário. Inicialmente o trabalho assalariado obrigatório era limitado a população masculina, porém, muitas mulheres também eram obrigadas a exercer o trabalho assalariado na agricultura, na abertura de estradas e no trabalho doméstico (ZAMPARONI, 2001). Com o emprego da mão-de-obra forçada da maioria dos

---

<sup>19</sup> A década de 1980 a 1990 foi estabelecida pela FRELIMO como a “década da vitória sobre o subdesenvolvimento”. A reedição dessa documentação contempla essa decisão.

homens<sup>20</sup>, que conseqüentemente se ausentavam por grandes períodos de sua família, a mulher sozinha era levada a prática da prostituição para a manutenção da própria casa e filhos. Como se lê:

Privada de recursos a mulher vê-se obrigada a comercializar o seu próprio corpo, prostituindo-se em graus diversos, aos patrões capitalistas ou tornando-se mesmo uma prostituta profissional. O resultado desta situação é a desagregação da unidade familiar assim como a incapacidade para a mulher de assumir o papel de mãe e educadora dos filhos. Desta forma a mulher é considerada pelo colonialismo como mero objeto de prazer ou de procriação através da reprodução de filhos, que significa aumentar a mão-de-obra. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 6)

É evidente o esforço no sentido de recuperar o papel da unidade familiar para restituir a mulher à maternidade, característica percebida teoricamente como parte da “natureza feminina”. A mulher toma seu papel de grande importância, para a FRELIMO, por seu poder reprodutivo e na criação e educação de seus filhos, o que torna evidente a ausência de preocupação sobre as opressões sofridas pelas mulheres no espaço privado. Além da exploração do corpo da mulher, o Comitê Central da FRELIMO condenou também outras práticas vistas como predomínio, manifestadas no interior da própria sociedade tradicional moçambicana. Delimitaram os pontos gerais da existência das tradições que levaram a mulher a dominação passiva, e que segundo as ordens da FRELIMO suas instituições deveriam ser imediatamente eliminadas da cultura moçambicana. Segundo Comitê Central da FRELIMO:

Na sociedade tradicional a mulher encontra-se numa situação de inferioridade e está submetida à dominação do homem, que se transmite sucessivamente do pai ao marido e mais tarde, por vezes, ao próprio filho. À mulher cabe um papel submisso e passivo e as suas funções sociais são rigorosamente delimitadas: fornecimento da mão-de-obra, em geral no sector agrícola, e procriação dos filhos. O primeiro aspecto - a mulher como fornecedora de mão-de-obra - está intimamente ligado ao modelo de produção existente na sociedade tradicional, que é o modelo da economia doméstica. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 6 - 7)

---

<sup>20</sup> O emprego de mão de obra forçado foi imposto pelo colonialismo português que obrigava agricultores moçambicanos a plantar arroz e algodão para a exportação. Muitos trabalhadores moçambicanos foram encaminhados para o trabalho forçado em minas localizadas na África do Sul.

Importa notar que não há menção as diferenças culturais entre as mulheres em todo o território. Aqui a sociedade tradicional é elaborada como única e homogênea, não abrangeram as diversas diferenças estruturais e culturais existentes entre os diversos povos que compõem Moçambique. As contradições entre esses grupos não são discutidas pela FRELIMO, a sociedade tradicional é vista como um alvo a ser destruído, assim como, é imbuído a ela diversos aspectos generalizantes das diversas sociedades que formam o mosaico cultural moçambicano.

A análise do Comitê Central foi imperativa para o entendimento da condenação dos setores econômicos existentes, em 1972, em Moçambique. Condenavam o modelo de economia doméstica, em função da defesa da economia estabelecidas pelas aldeias comunais das zonas libertadas desenvolvidas através de cooperativas. Para a FRELIMO, o setor capitalista manifestado pelos interesses da dominação colonial era o grande promotor do trabalho forçado. Outro setor econômico promotor de ideias reacionárias era o da sociedade tradicional, em sua maioria, estabelecidas nas zonas rurais, era dominada pela economia de subsistência apoiado pelo poder patriarcal, reforçavam as opressões sofridas pelas mulheres. A sociedade burguesa colonial era vista como o avesso da nova sociedade projetada por Samora M. Machel e pela elite da FRELIMO, por sua vez, todas as suas estruturas eram atacadas em prol das reestruturações pensadas pela Frente:

No quadro desta economia doméstica a mulher é considerada e valorizada sobretudo como elemento produtor ou reprodutor de força de trabalho, dentro de um sistema econômico em que a propriedade é privada e pertence ao homem. Quer isto dizer que a nossa sociedade se encontra em geral numa fase de patriarcado em que a propriedade de todos os bens e capacidades da família cabem ao homem, chefe da família. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 7)

A união desses dois setores, a propriedade privada e afirmação de dominação do sexo masculino, que mutuamente se apoiavam na exploração do trabalho forçado foram denunciados pela FRELIMO durante todo o documento analisado. Afirmavam, desta forma, que a luta de classes se encontrava em todos os âmbitos da vida moçambicana, sendo a família uma pequena escala dos conflitos e contradições da sociedade em geral (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976).

Para a elite da FRELIMO, a mulher sofria dupla opressão gerada pelo sistema econômico e pelas tradições locais que foram reforçadas pelo colonialismo e pelos valores

burgueses apoiados em valores patriarcais. Apesar do estímulo à emancipação feminina, a FRELIMO restringiu as questões de gênero. Mesmo que o próprio Programa da FRELIMO estabelecido durante o II Congresso da FRELIMO como objetivos centrais tenha reiterado a importância de “Promover a emancipação política, social, econômica e cultural da mulher moçambicana: realizar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher: encorajar a mulher moçambicana a participar cada vez mais na luta de libertação nacional” (COMITE CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 5.) no documento aqui analisado, retoma-se o papel da maternidade e o dever de cuidar da casa, dos filhos e do marido como fundamental para as mulheres. Defenderam que a opressão da mulher estava ligada exclusivamente à propriedade privada, deste modo, o problema estava interligado somente ao sistema econômico e deveria ser combatido exclusivamente pelo desenvolvimento do projeto político-ideológico constituído pela Organização.

As sociedades tradicionais foram acusadas pelo Comitê Central (1976) de reforçar a dominação masculina sobre a feminina ao longo dos séculos, criaram mitos e ritos que cristalizaram e justificaram a perpetuação da inferioridade da mulher. O sistema patriarcal do sul e centro de Moçambique eram, segundo o Comitê Central (1976), beneficiados pelos efeitos dos setores econômicos. Para a Frente, essas regiões possuíam populações que tornavam o casamento uma extensão das possibilidades de lucro e acúmulo de capital através de práticas culturais como o lobolo<sup>21</sup>. Consolidavam, desta maneira, a socialização dos corpos e mentes das mulheres moçambicanas destinadas a um lugar de segunda categoria na sociedade. Como consta na documentação:

A poligamia que é o sistema em que o homem possui várias mulheres, aparece assim como forma de o chefe de família – proprietário, aumentar a sua força de trabalho. Certas práticas sociais que sobrevivem até aos nossos dias e nalgumas partes do nosso país e da nossa sociedade como a prática do lobolo ou dote mostram claramente, apesar da evolução que sofreram, que se trata de uma forma de aquisição de mão-de-obra. (...) Entre estes ritos um papel particular foi dado aos ritos de iniciação cujo objectivo é o de envolver as tradições existentes numa aura religiosa e metafísica para levar as pessoas a aceita-las cegamente e de maneira dogmática, pondo de lado todo e qualquer espírito crítico. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 8)

---

<sup>21</sup> Compra e venda de esposas entre a família da noiva e do noivo por meio de pagamento de um dote. (OSÓRIO, 2014) . Prática cultural marcadamente dos povos costumeiramente patrilineares que formam o sul e o centro de Moçambique.

A opressão sofrida pela mulher em Moçambique era marcada pela particularidade de seu contexto histórico e social. Essas práticas foram percebidas pela FRELIMO como profundamente atrelada à herança dos valores tradicionais. Portanto, os ritos, mitos e tradições dessas sociedades como a poligamia<sup>22</sup>, os ritos de iniciação<sup>23</sup>, o lobolo e o casamento infantil e forçado foram práticas condenadas e proibidas nas zonas libertadas pela FRELIMO. Sua proibição era justificada pela Organização, suas práticas foram percebidas como fonte de sustentação da manutenção e de fixação na mentalidade dos jovens moçambicanos das superstições, mitos e tabus que reforçavam os valores reacionários e conservadores das sociedades tradicionais (COMITE CENTRAL, 1976).

Os ritos de iniciação de uma maneira geral, segundo a elite da FRELIMO, delimitavam o papel social da mulher. A percepção do enraizamento da imagem da mulher como ser incapaz psicológica e intelectualmente na sociedade e sua dependência em relação ao homem foi, segundo o Comitê Central, um dos motivos que fomentou a luta pela emancipação da mulher pela FRELIMO e a criação da OMM. Outros motivos também fomentaram a sua criação, como a capacidade de mobilização de mais militantes da FRELIMO na consolidação da luta anticolonial. Como se lê:

Por um lado, porque o colonialismo português não escolheu oprimir somente homens mas lançou sua garra opressora e viciosa também sobre a mulher, era normal que esta tivesse espírito de resistência aceso. Em muitos casos, durante toda a noite colonial foi a mãe de família que manteve viva a recordação dos feitos de resistência dos antepassados que se haviam batido contra o colonialismo. Por outro lado, tanto em consequência do facto que acabamos de citar como por que a nossa Organização tem uma linha política profundamente democrática e popular, estabeleceu-se desde o início o princípio de recusa de qualquer discriminação, fosse ela, baseada na religião, raça ou sexo. Podemos ainda citar, entre estas razões, a necessidade de mobilizar todo o enorme potencial humano que representam as mulheres moçambicanas. A emancipação da mulher, a sua integração total na luta, representam um aumento considerável da capacidade da Organização. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 10)

---

<sup>22</sup> A permissão de o homem manter casamentos com mais de uma esposa (OSÓRIO, 2014).

<sup>23</sup> Prática cultural de povos matrilineares do norte e centro de Moçambique. Em geral, os ritos de iniciação se resumem a realização de cerimônias que marcam a passagem à fase adulta, em Moçambique, os ritos se iniciam após a primeira menstruação da mulher e nos homens nos primeiros sinais da puberdade. Enviados a um local isolado, recebem orientação de matronas e mestres, aprendem como se comportar durante a vida adulta. Dessa forma, os papéis sociais são ensinados a cada um a partir de seu sexo, onde é ensinado: canções, danças e atividades além de conselhos sobre comportamento (OSÓRIO, 2014).

Reforçaram os laços intimamente ligados da Revolução nacional da FRELIMO com a emancipação da mulher, o documento salientava a interdependência de ambas as lutas. A libertação da mulher de suas opressões era uma luta, segundo o Comitê Central, estritamente relacionada com a luta de classes. A luta anticolonial perpassava a “liquidação da exploração econômica e social da mulher pelo homem” (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 10). O combate ideológico da FRELIMO contra as ideias reacionárias, tradicionais e burguesas não apenas denunciava o papel passivo que a mulher foi forçada a assumir, mas era imperativo em apontar a mulher como um elemento transformador da sociedade:

Antes de tudo a mulher moçambicana afirma-se como *elemento político* armado. No combate armado em que ela participa fraternalmente ao lado do homem, a mulher afirma-se como *elemento transformador* da sociedade. Ao visar o soldado colonialista na mira da sua arma, a mulher moçambicana visa destruir uma muralha que persiste em se opor ao desmoronamento de uma forma de sociedade que sua consciência política rejeita, e que se apresenta como um obstáculo na via da sua libertação e da do seu povo.

Ao mesmo tempo ela, apresenta-se como um agente da difusão de ideias novas, tanto através de trabalho mobilização que ela realiza no seio das populações como *através do exemplo da sua própria presença activa que contribui para destruir muitos mitos sobre a inferioridade da mulher*. Por isso mesmo, a militante do Destacamento Feminino joga um papel fundamental na libertação do potencial das massas, às quais a sua participação e exemplo revelam capacidades de acção até então insuspeitas, abrem horizontes novos e criam uma visão vasta das coisas. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976, p. 11. Grifo original)

A construção de uma mulher que assume seu papel como agente de transformação essencial na luta anticolonial era formado pela elite da FRELIMO. Esse elemento seria capaz, com o auxílio e organização da FRELIMO, de participar da reestruturação de uma nova sociedade onde a mulher assumiria uma posição igualitária com os homens. Ou seja, assumiria seu papel de cidadã na nova sociedade da Frente conquistaria todos os direitos e deveres que foram restringidos a mulher. Contudo, o movimento impôs a linha revolucionária da organização como prerrogativa necessária para o fim da desigualdade de gênero.

A FRELIMO enfrentou as dificuldades em mobilizar as mulheres devido à naturalização de sua posição social como inferior e passiva, segundo o Comitê Central (1976) a situação era causada pela manutenção dos privilégios da sociedade tradicional. As dificuldades em assumir esse novo papel foram manifestadas nas zonas libertadas da

FRELIMO pelos mais diversos motivos, entre eles, a falta de iniciativa das mulheres de resolver tanto problemas gerais quanto particulares, de maneira geral, a incapacidade foi atribuída a sua convicção de inferioridade<sup>24</sup> e a dificuldade de compreensão do projeto imposto. Neste sentido, ao fim da reunião do Comitê Central, em 1972, estabeleceram a tarefa de criar condições para que as mulheres assumissem papéis importantes em espaços de decisão social, política e econômica, deixaram claro a tarefa principal da mulher na nova sociedade como um elemento transformador, mas que também deveria ser transformado:

Assim, é necessário reforçar a participação activa da mulher na vida social e em particular nas atividades da nossa Organização. É neste sentido que o Comitê Central decidiu reforçar as estruturas de enquadramento da mulher moçambicana na luta, criando, ao lado do Destacamento Feminino, a Organização da Mulher Moçambicana, cujo objetivo é de mobilizar e organizar as mulheres que não estão em condições de se integrar no Exército, mas cuja participação activa no processo revolucionário é indispensável e valiosa. Por outro lado, é necessário reforçar o trabalho de educação no que respeita às mulheres. A educação revolucionária, o conhecimento científico da natureza e da vida social, são sem dúvida a forma mais segura tanto para a nova geração como para as mulheres já de idade mais avançada, para destruir as cicatrizes e vestígios das concepções tradicionais. (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976. p. 15)

A conscientização da mulher essencial na construção de uma “nova” sociedade moçambicana deveria, desta forma, eliminar as concepções tradicionais denunciadas como forma de perpetuação da subordinação da mulher ao homem. Apenas livre do “obscurantismo e das práticas tradicionais”, a mulher e o homem estariam livres para o progresso baseados somente em uma educação científica. A ciência é vista, nesse documento, como a base reguladora para a gestão de uma “nova” sociedade. Por esse motivo, se fundamenta na importância de uma educação científica em oposição as práticas religiosas e culturais. Os ritos de iniciação, por exemplo, são percebidos pela FRELIMO como a base da educação tradicional dos povos que formam o norte e centro de Moçambique, e reforçavam a superioridade masculina. A educação feminina seria uma condição necessária “para levar a ela própria distinguir as causas históricas, sociais, econômicas e outras que determinaram a situação presente, assim como a maneira de a

---

<sup>24</sup> A inferioridade auto atribuída nas mulheres foi incrustrada, segundo o Comitê Central (1976), através dos mitos e preconceitos que a sociedade criou para justificar a sua dominação, da mesma maneira, que o colonialismo impregnou na mentalidade de alguns moçambicanos a convicção de inferioridade natural do homem negro.

superar” (COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO, 1976. p. 15). Defenderam dessa forma, a total eliminação das prática culturais, em seu lugar, a obrigatoriedade da educação de meninas em escolas abertas pela FRELIMO nas zonas libertadas durante a luta anticolonial.

Ao estabelecer as condições que oprimem a mulher a FRELIMO assumiu seu “momento ideológico”, o que significava um “combate a nível das ideias” contra concepções que reforçavam a inferioridade da mulher. Culpabilizaram os setores privilegiados, tanto pela sociedade tradicional quanto aquela constituída pelo setor colonialista burguês. Objetivaram um combate interno, um processo coletivo onde a mulher passava a ser percebida como cidadã importante na participação das esferas de decisão. O Comitê Central concluiu que a experiência do Destacamento Feminino estava incompleta, pois a participação direta na luta anticolonial não garantia o combate ideológico da FRELIMO ou o combate às práticas tradicionais. Papel complexo destinado a OMM, como sua função principal, deveria mobilizar as mulheres para romper com o “obscurantismo, regionalismo e racismo” em uma discussão aberta esclareceram a população que a emancipação da mulher era uma tarefa de todos os revolucionários moçambicanos da FRELIMO.

## **SEGUNDA PARTE - "O farol que ilumina caminhos da revolução moçambicana": Josina Machel**

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopro de silêncio que dá luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações. (Paulina Chiziane em Niketche uma história de poligamia, Texto editores, 2017, p. 103).

No segundo capítulo desta investigação focalizaremos na política de memória<sup>25</sup> que a Frelimo estabelece, ao relacionar a imagem de Josina Machel como símbolo da mulher moçambicana emancipada, através da análise da sua primeira biografia publicada. Após perpassarmos pelas complexidades acerca da construção da identidade nacional em Moçambique no desenvolvimento do projeto político e ideológico formulado pela FRELIMO no que tange a emancipação da mulher, antes de 1975, fundamental para que possamos compreender o papel reservado ao Destacamento Feminino e a Organização das Mulheres Moçambicanas desde sua criação. Todos esses aspectos são essenciais para continuarmos a análise sobre o nosso foco principal: a construção da imagem política de Josina Machel no âmbito de políticas exercidas pelo governo Frelimista. O projeto, principalmente após 1977, ficou conhecido como “homem novo” e “mulher nova” e constitui a temática que priorizamos nesta parte.

### **2. 1. A independência, o III Congresso da Frelimo e a guerra civil moçambicana**

A luta armada de libertação nacional realizada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), entre 1964 e 1974<sup>26</sup>, contra o regime colonial português tornou viável o privilégio da Frente durante as negociações pela independência do país.

---

<sup>25</sup> É por dentro dos debates de Pollak (1989), Le Goff (2003), e Ricoeur (2007) que esse trabalho se insere na medida que esses autores contribuem para as discussões sobre políticas de memória e nacionalismos, alertam para os abusos da memória para fins políticos e ideológicos na construção dos nacionalismos como prática nos Estados Nacionais a partir do século XIX.

<sup>26</sup> O ano de 1974 é marcado pelo golpe de estado que derrubou o regime salazarista em Portugal que termina com o período conhecido como Estado Novo. A Revolução dos Cravos, como ficou conhecida a posteriori, resultou em manifestações, ocupações, governos provisório e nacionalizações de grandes empresas. Um dos objetivos centrais da revolução era a descolonização das colônias portuguesas (REZOLA, 2017).

Em 1975<sup>27</sup>, na assinatura do acordo de Lusaka, a FRELIMO passa de movimento de libertação, para tornar-se partido político em um regime de partido único no governo. O líder revolucionário e primeiro presidente de Moçambique, Samora Moisés Machel, apenas sai do cargo após sua morte em 1986.

A Independência, em 1975, marca o início do desenvolvimento do projeto, formulado pela elite da Frelimo, que procurou criar um sentimento nacionalista em Moçambique através do projeto conhecido como “Homem novo” e “Mulher nova”. O novo homem e a nova mulher deveriam romper com o seu passado étnico, com suas tradições, ritos, costumes e sua língua<sup>28</sup>. Deveriam manter-se de acordo com os valores modernos da unidade nacional representada pelo projeto da Frelimo que, após 1977, durante o III Congresso do Partido define-se oficialmente marxista-leninista. A mulher e o homem novos foram definidos, sobretudo, como combatentes de todas as formas de opressões constituídas pelas heranças deixadas pelo colonialismo português.

Após dois anos do estabelecimento da República Popular de Moçambique a realização do III Congresso da Frelimo marca a tentativa de ruptura com práticas culturais e com a sociedade tradicional. Esse posicionamento marca um processo de desordem social, a proibição de práticas culturais condenadas pelo Partido único no poder sofre uma tentativa de substituição por uma nova organização revolucionária liderada pela Frelimo na direção da construção de uma “sociedade nova” regulada em uma moral ética do “Homem novo” e da “Mulher nova”. (COSSA, 2018).

Portanto, é importante ressaltar que a imposição do projeto político e ideológico do Partido único no poder estabeleceu um novo padrão identitário. O projeto político da Frelimo procurava apagar as diferenças para a construção de uma nação identitariamente unitária e homogênea. Esses foram os mandatórios da formação do Estado-Nação e do projeto político e ideológico da Frelimo (PAREDES, 2014, p. 152), acarretou em um processo de apagamento da diversidade dos povos moçambicanos.

É dentro do contexto da realização do III Congresso da Frelimo que se inicia a guerra civil em Moçambique. Como se sabe, o socialismo de Samora Machel era percebido como altamente perigoso para os regimes políticos dos países vizinhos e provocou tensões nas fronteiras do país. Se, por um lado, a política de apartheid, de Ian

---

<sup>27</sup> O rápido processo de descolonização de Moçambique foi acompanhado pelo processo de radicalização da política portuguesa liderada pelo Partido Comunista Português (PCP) (CARDINA, 2011).

<sup>28</sup> Após a independência de Moçambique, a Frelimo instituiu o português como língua oficial do país.

Douglas Smith<sup>29</sup>, justificaria por si só o apoio a movimentos de oposição à Frelimo, por outro, também, esse círculo de aversão foi intensificado pela África do Sul, à época governada por Pieter Botha<sup>30</sup>, primeiro-ministro do país e também personagem adepto da política de segregação racial. De todas as formas, o que se sabe é que tanto os rodesianos como os sul-africanos preocupavam-se em realizar medidas políticas de desestabilização e sabotagens para o insucesso do governo socialista da Frelimo (NEWITT, 2012).

Dessa forma, após a proclamação oficial da independência, as primeiras organizações de opositores ao regime frelimista foram formadas nos países vizinhos. Foi a partir dos rodesianos que os moçambicanos Jorge Jardim e Orlando Cristina fugiram do país e foram auxiliados na fundação do Movimento Nacional de Resistência (MNR), mais tarde chamado de Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO).

Inicialmente criada como unidade militar no auxílio de campanhas de sabotagem do exército rodesiano, mantinham nos primeiros anos de sua formação pouca expressividade política como oposição ao governo moçambicano. Organizada pela South African Defence Force (SADF), a Renamo foi criada inicialmente para corresponder aos interesses da África do Sul contra o regime socialista da Frelimo<sup>31</sup>. Como organização política, manteve delegações em Lisboa, na República Federal da Alemanha e nos Estados Unidos (NEWITT, 2012). Com influências internacionais, a Renamo não podia mais ser ignorada pela Frelimo. Assim, o resultado do desenvolvimento dessa oposição foi o alargamento de um extenso conflito armado pela deflagração de uma guerra civil<sup>32</sup>.

Foi da necessidade de intensificar seu projeto político e ideológico socialista que a Frelimo mobilizou ressignificações de símbolos e construiu a imagem mítica da heroína Josina Machel, representante da “nova mulher”, ou seja, representante do projeto Frelimista através do esforço de campanhas políticas e divulgação de materiais sobre sua história. Para tanto, a sua imagem foi construída atrelada às necessidades do contexto

---

<sup>29</sup> Ian Douglas Smith foi primeiro-ministro da colônia britânica da Rodésia do Sul, de 1964 a 1965, e primeiro-ministro da Rodésia após a independência, de 1965 a 1979.

<sup>30</sup> Pieter Willem Botha foi primeiro-ministro da África do Sul, de 1978 a 1984, e Presidente do país de 1984 a 1989.

<sup>31</sup> O auxílio tornou a Renamo, em 1984, um grande movimento político que operou em quase todas as partes de Moçambique. A guerra civil que inicia apenas dois anos após a independência, 1977, só termina em um acordo de paz entre a Renamo e a Frelimo em 1992. Compreendida como uma “guerra secundária” dentro do contexto da Guerra Fria.

<sup>32</sup> As consequências provocadas pela guerra com a Renamo levou o país para uma extrema crise econômica e social, o resultado foi a modificação em um dos países mais pobres do mundo, assim como, foi responsável pela morte de mais de 1 milhão de pessoas, que levou à deterioração das condições de vida da população, resultou, por sua vez, em um deslocamento de 1/3 da população do país (CASIMIRO, 2004), sofrimento que somente chegou ao fim em 1992 com um acordo de paz, que fragilmente reestabeleceu a ordem no país e garantiu, pela primeira vez, eleições multipartidárias em 1994.

político de sua criação. Após a sua morte, em 7 de abril de 1971, a vinculação de sua imagem como ícone da emancipação feminina moçambicana, se desenvolveu balizada pelas medidas tomadas pela Frelimo<sup>33</sup>.

## 2.2 “Vi-te viva”: edificando a imagem de Josina Machel

Dessa forma, a 5ª sessão do Comitê Central da FRELIMO realizada em dezembro de 1972<sup>34</sup>, um ano após sua morte, evidencia a intenção da Frente em eleger Josina Machel como símbolo da mulher moçambicana, antes mesmo da sua independência, ao determinar o dia 7 de abril<sup>35</sup>, dia e mês da morte de Josina, como o dia nacional das mulheres moçambicanas como mostra a resolução do comitê central daquele ano:

(...) o comitê central decidiu sob proposta das províncias e das mulheres moçambicanas considerar o dia 7 de Abril, data do falecimento da camarada Josina Machel (...) como dia da mulher moçambicana, para recordar o exemplo de militarismo e sacrifício que a vida da camarada Josina Machel demonstrou tanto como militante clandestina sob a ocupação colonial, como no seio do DF, onde seu trabalho pela revolução e pela emancipação da mulher consistiu um exemplo para todos os militantes revolucionários. (COMITÊ CENTRAL [1972] in: *Tempo*, 1975, p.2)

Embora atualmente o dia 3 de fevereiro é oficialmente reconhecido como o dia dos heróis moçambicanos, em homenagem à data de morte do primeiro líder revolucionário da FRELIMO, Eduardo Mondlane, é possível perceber que Josina Machel<sup>36</sup> participa do espaço de homenagens aos heróis fundadores da nação. Josina Machel é relacionada à imagem simbólica de fixação da “nova mulher” moçambicana a partir da independência, em 1975. Segundo o Comitê Central da Frelimo, seu

---

<sup>33</sup> Como exemplo dessas medidas, os reconhecimentos como no artigo 15º da Constituição da República Popular de Moçambique “reconhece e valoriza os sacrifícios daqueles que consagraram as suas vidas à luta de libertação nacional, à defesa da soberania e da democracia”, assim como, no artigo 122º “(...) reconhece e valoriza a participação da mulher na luta de libertação nacional, pela defesa da soberania e pela democracia”.

<sup>34</sup> Uma parte do comunicado oficial do Comitê Central da Frelimo está publicada na Revista Tempo, número 233, disponível na Biblioteca Virtual Aluka que reúne mais de 70 coleções contendo 190.000 páginas de documentos e imagens sobre as lutas de libertação da região da África Austral.

<sup>35</sup> Até os dias atuais, Moçambique comemora o dia da mulher no 7 de abril, diferente de diversas partes do mundo que comemoram o dia da mulher no 8 de março.

<sup>36</sup> É importante destacar que não apenas pessoas recebem as homenagens, mas, também, organizações como o Destacamento Feminino, homenageado em 4 de março, oficialmente o dia do Destacamento Feminino.

comportamento em vida e os ideais que atribuíram a sua figura formaram o imaginário da mulher emancipada. Através de suas homenagens, impuseram a figura da mulher moçambicana idealizada pelo projeto político e ideológico desenvolvido pelo Partido. A instrumentalização de sua imagem só foi possível através da consolidação da OMM e da participação intensa de suas militantes em promover o projeto político e ideológico da Frelimo como podemos ver na imagem a seguir:



**Figura 1:** Marcha da OMM em 1975. Fonte: Muiuane, 2006, p. 302.

Importante relembrar, antes de seguirmos, que de acordo com Marçal M. Paredes (2014, p.132) a construção do nacionalismo moçambicano divide-se em três momentos principais: o primeiro, entre 1910/20 a 1962 antes da eclosão da luta armada pela independência; um segundo momento em 1962 a 1975 marcado pelo conflito armado e pela formação da FRELIMO e o terceiro iniciado após a Independência focado no ideário da Frelimo (a partir de 1975 como Partido único) sob a liderança de Samora M. Machel de 1975 a 1986. É o período final que veremos a seguir de forma detalhada. Durante o período de transição do governo colonialista ao governo de Partido único da Frelimo referente aos caminhos desse ideário acerca da emancipação feminina. É esse momento histórico que a construção de Josina Machel torna-se necessária como instrumento político do partido Frelimo.

Segundo a sua biografia, Josina Machel foi integrante de destaque do primeiro núcleo de mulheres que formaram o Destacamento Feminino (DF), ativa militante já nos anos iniciais da luta armada de libertação nacional. Em 1968, após receber treinamento político e militar, atuou juntamente com o DF na Província de Cabo Delgado, no mesmo ano, participou como delegada do II Congresso da FRELIMO realizado na Província de Niassa onde foi reconhecida durante o Congresso como defensora de uma luta de caráter popular. Ainda em 1968, assumiu o cargo de coordenadora da recém-criada Seção da Mulher no Departamento dos Negócios Estrangeiros onde operou na construção de orfanatos<sup>37</sup> e reestruturou o Centro Educacional de Tunduro (TEMPO, 1975, P.10).

Em 1969, casou-se com Samora Machel que ocupava o cargo de comandante militar das tropas da FRELIMO e, no ano seguinte, em maio de 1970 se tornou o líder revolucionário da FRELIMO com quem teve um filho, Samora Machel Júnior. No mesmo ano, Josina Machel realizou missões ao interior de Moçambique em campanhas de mobilização de novos militantes, principalmente de mulheres. Josina mantinha ainda uma rotina de trabalho no exterior ao definir contatos com organizações femininas como a Organização da Mulher Angolana, a Organização da Mulher de Guiné-Bissau e a Organização da mulher da Tanzânia (MATUSSE e MALIQUE, 2007). Formou uma rede de contatos entre grupos femininos de movimentos anticoloniais através de encontros internacionais e correspondências se inserido no que chamamos de feminismo internacionalista em desenvolvimento no período.

Em janeiro de 1971, meses antes de seu falecimento, durante uma reunião efetivada na Base Central do Niassa Oriental, realizou um breve discurso gravado em fita magnética. A única intervenção documentada<sup>38</sup> de Josina Machel. Seu discurso era destinado às reclamações de inúmeras mulheres que deveriam encaminhar seus filhos para escolas da FRELIMO em outras províncias das zonas libertadas pela Frente<sup>39</sup>. Em sua fala demonstra a sua defesa irrestrita ao programa e as ações da FRELIMO.

Eu também tenho uma criança, ela é ainda pequenina, mas deixei-a não porque não queira ficar sempre junto dela, mas devido às circunstâncias

---

<sup>37</sup> A criação de orfanatos era trabalho do Departamento da Mulher que mantinha como objetivo mediar as resoluções de problemas sociais consequentes dos conflitos durante a luta anticolonial. É atribuído a Josina Machel o reconhecimento pela criação de orfanatos e no cuidado de crianças que perderam seus pais durante a luta anticolonial.

<sup>38</sup> O material foi redigido pela Revista Tempo em Lourenço Marques, nº.236, 6 abril 1975, p.9-11. Ou seja, parte da fonte histórica dessa investigação.

<sup>39</sup> A ciência é percebida como um substituto da educação tradicional, na formulação de uma sociedade moderna. A educação passa a ser considerada fundamental no desenvolvimento da consciência política revolucionária, e campanhas de alfabetização alcançam um grande número de mulheres matriculadas em escolas.

de trabalho da Revolução que não permitem sempre estar com ela. O mesmo vai acontecer convosco, e deste modo, se traçarmos um programa é preciso que as camaradas compreendam porque é que vai ser assim. É bom compreender que a FRELIMO ao traçar programas para vocês não é por que não queira que as camaradas vivam junto das vossas crianças – a FRELIMO sabe que as camaradas têm amor por elas, mas aqui o que é necessário é fazer um combate interno. Se as camaradas vêem que são militantes da FRELIMO e estão prontas para executar qualquer missão que a FRELIMO lhes confiar é porque sabem porque é que lutam. (MACHEL, J., [1971] in: *Tempo*, 1975 p. 10)

Em sua fala é possível perceber não somente a defesa irrestrita dos ideários revolucionários do Movimento, como ainda a separação em nível de importância da esfera pública-política e da esfera privada-doméstica. Há uma fala no sentido de convencer as mulheres a cederem às decisões tomadas pelo movimento. A imposição de encaminhar crianças às escolas criou um clima de desordem e tensão nas zonas libertadas da FRELIMO. Josina Machel trabalhou na forma de remediar esse conflito através da mediação que pouco abriu espaço para o diálogo com a realidade dessas mulheres, uma vez que, contrariar as ordens do FRELIMO era considerado um posicionamento opositor ao Movimento. Essas mesmas mulheres, ao negarem a educação revolucionária da FRELIMO às suas crianças, eram acusadas de “inimigas da Revolução” em defesa do tribalismo da sociedade tradicional. Muitas dessas mulheres, sem educação formal e analfabetas<sup>40</sup>, não percebiam a necessidade de mandar para as escolas da FRELIMO suas filhas mulheres, uma vez que muitos povos que compõem Moçambique acreditam que a educação de mulheres deve estar vinculada somente aos cuidados com a casa, a machamba<sup>41</sup>, o marido e os filhos.

Josina Machel morreu em sete de abril de 1971, no hospital em Dar-Es-Salaam na Tanzânia. Com apenas 25 anos de idade, nunca foram esclarecidas as causas de sua morte<sup>42</sup>. Entretanto, seu funeral, foi acompanhado por um grande número pessoas, de diferentes nacionalidades, dentre elas os membros do Comitê Central da Frelimo, membros do governo da Tanzânia, representantes dos movimentos de libertação na

---

<sup>40</sup> Em 1970, Machel discursou sobre as funções políticas das escolas da FRELIMO nas zonas libertadas, entre elas, falou sobre a criação de uma nova moral revolucionária que fomentasse a libertação da mulher e um novo comportamento e mentalidade do homem em relação à mulher. O acesso à educação antes das escolas da FRELIMO era limitado a uma restrita parcela da sociedade, consequentemente a exclusão de mulheres em espaços de ensino resultava em uma grande maioria do sexo feminino analfabeta (B. ISAACMAN; STEPHEN, 1984).

<sup>41</sup> Machamba é o nome dado a espaços de cultivo agrícola.

<sup>42</sup> Muitos foram os acusados pela sua morte, entre eles o próprio Samora M. Machel, a versão oficial da FRELIMO é de que Josina morreu por consequência ao agravamento de uma doença não especificada.

África, representantes da Organização das Unidades Africanas (OUA) e embaixadores de diferentes países (TEMPO, 1975)<sup>43</sup>. Durante seu funeral Marcelino dos Santos<sup>44</sup> enfatizou os atos históricos de Josina Machel salientou a grande falta de Josina na luta anticolonial. Seu funeral foi marcado por mensagens de condolência que elevavam o seu trabalho a nível heroico. Como se lê:

A camarada Josina, acrescentam as mensagens, foi a verdadeira imagem das altas virtudes moçambicanas, admirável pela sua capacidade de resolver problemas da luta, isenta de intrigas, amiga de todos quantos a viam, exemplo vivo da mulher moçambicana na construção da nova sociedade, incansável nos trabalhos duros da Revolução; tribalismo e racismo foram seus inimigos e boatos não conhecia. A camarada Josina foi uma das dirigentes da nossa Organização, e ela dirigiu cabalmente o setor que lhe foi confinado com exemplos muito vivos para a nossa revolução, e o seu trabalho será para nós guia inesquecível na luta que ela nos deixou para continuar. Foi ela uma combatente que levantou bem alto a bandeira da Revolução Moçambicana. (...) Ela separou-se de nós e deixou-nos cheios de tristeza, mas o exemplo de sua vida, a sua dedicação e espírito de abnegação na luta pela salvação da Pátria, serão por nós recordados e imitados criadoramente na execução das tarefas impostas pela revolução moçambicana - frizaram as mensagens. (SANTOS, Marcelino [1971] in: *Tempo*, 1975, p. 15)

O “exemplo vivo da mulher moçambicana na construção da nova sociedade” era a essência da sua imagem como heroína revolucionária e correspondia ao combate travado pela FRELIMO durante a luta anticolonial contra o capitalismo representado pelo colonialismo português e pela sociedade tradicional resistente ao projeto modernizador da Frelimo. Portanto, a imagem de Josina estava intimamente ligada à luta pela eliminação de práticas culturais e pelo combate à sociedade tradicional. Sua postura de total eliminação do passado étnico e seu esforço na construção da Pátria são traços marcantes representados em sua biografia, ressaltada nas páginas dedicadas às suas homenagens.

---

<sup>43</sup> Essas informações foram originalmente publicadas no Jornal 25 de Setembro pelo Órgão de Informação do Comissariado Político da FRELIMO em 15 de abril de 1971 e republicadas na Revista Tempo em 1975 em análise nesta investigação.

<sup>44</sup> Marcelino dos Santos foi membro fundador da FRELIMO. Em 1969 fez parte juntamente com Samora M. Machel e Uria Simango da liderança da organização. Após a Independência, em 1975, assumiu o cargo de Ministro da Planificação e Desenvolvimento. Em 1977, deixa o cargo de ministro para presidir a Assembleia Popular, o primeiro parlamento do país. Como poeta, utilizava os pseudônimos de Kalungano e Liliho Micaia, publicou poesias no Brado Africano, assim como, duas antologias publicadas pela Casa dos Estudantes do Império em Lisboa. Em 1987, pela Associação dos Escritores Moçambicanos publicou o livro “Canto do Amor Natural”. Considerado por muitos especialistas como um dos principais ideólogos da Frelimo.

Um mês após sua morte, Samora M. Machel da base da FRELIMO na Tanzânia, escreveu poesias em homenagem à Josina Machel publicadas somente quatro anos depois na revista *Tempo*. Ou seja, após a independência, 1975, onde é possível perceber o início da construção de uma imagem heroica vinculada a Josina Machel como vanguarda de uma luta emancipatória e libertadora.

Não te encontrei na casa,  
Mas no rosto de toda a gente,  
Na machamba e na horta  
VI-TE VIVA! (...)  
É doloroso perdermos o quadro,  
É doloroso perdemos a mulher  
Que soube na revolução emancipar-se  
É doloroso perdermos-te  
Quando ainda somos tão poucos e tanto resta a fazer.  
É doloroso perdermos aquela que combinou inteligência com o  
matope para fazer crescer a planta nova.  
É doloroso perdermos quem no mundo e na Pátria  
ASSUMIU A NOVA MULHER MOÇAMBICANA. (...)  
Assim, na luta na revolução te encontro continuamente  
A minha vida pertence à revolução. (MACHEL, S. [1971] in: *Tempo*,  
1975. p. 12)

A identificação da Josina a qualquer mulher moçambicana está presente nesse imaginário simbólico construído pela Frente de Libertação. A sua imagem servia como exemplo ainda vivo da “nova” mulher militante da Frelimo. Essas mulheres podiam atuar nas machambas ou no meio urbano, porém, todas deveriam moldar o seu comportamento moral e ético a partir da imagem e do exemplo de Josina Machel como combatente e militante. As mulheres da Frente auxiliaram, dessa forma, nas políticas de vigilância mantidas pelo Partido, assim como, na construção de uma unidade nacional, através da criação da imagem unitária da “nova mulher”, a sua imagem estava associada constantemente a posturas rígidas, sendo dessa forma, retratada em uniformes militares, com armas e um semblante sério ao integrar as fileiras do exército da Frelimo:



**Figura 2:** Josina Machel. Fonte: anônimo, s/d. Disponível em <<http://www.mozambiquehistory.net/josina.php>>. Acesso out. 2017.

Em sete de abril de 1975, no quarto aniversário de sua morte e ano da independência de Moçambique, a Revista Tempo publicou também outra poesia feita por Samora Machel em homenagem ao aniversário de morte de Josina. Essa publicação foi acompanhada por uma pequena introdução de letras grandes onde se lia “O camarada presidente Samora Moisés Machel não é um homem insensível a dor” (TEMPO, 1975, p. 10). Sendo a figura da Josina, também usada para atribuir características positivas à imagem de Samora M. Machel como pai, marido, companheiro que “duramente desempenha as tarefas da revolução” (TEMPO, 1975, p.10) acima de suas dores e tragédias pessoais. Como se lê:

Josina tu não morreste por que assumimos as tuas preocupações e elas vivem em mim.  
Não morreste, porque os interesses fundamentais que defendias foram integralmente recebidos por nós, como herança.  
Definitivamente te separaste de nós e a arma e mochila que deixaste, esses teus instrumentos de trabalho, fazem agora parte da minha carga.(...)  
Do teu pensamento farei a enxada que revolve a terra rica do teu sacrifício  
E crescerão os frutos novos.  
Que a guerra se alimenta do sangue dos melhores que temos daqueles que mais amamos

Assim a missão do teu sangue: fazer dele exemplo vivo a ser assumido, mistura-lo profundamente à terra criadora, para que ele nunca seja inútil.

A minha alegria é que como patriota e mulher morreste duplamente livre, neste tempo em que cresce o poder novo e a mulher nova.  
(MACHEL, S. [1971] in: *Tempo*, 1975. p. 13)

É importante ressaltar a modificação da imagem da Josina Machel, nesta publicação, da mulher-militante revolucionária para a ideia simbólica de um “pensamento” que como uma “enxada modifica a terra”, nesse caso, um instrumento político para a modificação e unificação da nação conforme o projeto político e ideológico da Frelimo. É possível perceber a alteração no discurso do Samora M. Machel<sup>45</sup>, como nesse poema, após o fim da luta anticolonial trava uma luta moral e ética na construção de uma “nova sociedade”. Dessa forma, seu poema se mostra um prenúncio do projeto político Frelimista na ideia poética de uma mulher nova renascida da mesma terra, organizada através de um poder novo, parte da continuação da luta de Josina Machel integrada ao desenvolvimento de uma “nova nação”.

No editorial, do mesmo número da Revista Tempo, intitulado “A voz da mulher”, a homenagem à Josina Machel acompanhava os poemas de duas de suas companheiras do Destacamento Feminino. Rosália Tembe<sup>46</sup> ressaltava a presença ainda viva de Josina como exemplo de militância “Tu não morreste, jamais morrerás, amor e liberdade nunca poderão morrer” (TEMPO, 1975, p.13). Joana Nachake<sup>47</sup>, da mesma maneira reconheceu “Josina tu não morreste o teu sangue até agora serve como água corrente do mar” (TEMPO, 1975, p.13). A sua imortalidade era atribuída ao desenvolvimento da edificação da nova sociedade revolucionária, dessa forma, Josina Machel se tornou ícone da mulher emancipada e politicamente consciente.

Sua imagem foi marcada, após a independência, pela renúncia de sua própria vida pela Revolução e pela reconstrução nacional. A imagem heroica de Josina Machel, vinculada a uma ideia mítica do espírito de liberdade e coragem da luta da “nova” mulher

---

<sup>45</sup> Os discursos de Samora Moisés Machel sobre a mulher foi tema da dissertação de Mestrado realizada pela autora desta investigação, defendida em 2018, intitulado “*Do vento da emancipação à “força motriz da Revolução”: a mulher nos discursos de Samora Moisés Machel (Moçambique) (1973 – 1980)*”. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8069>

<sup>46</sup> Rosália Tembe foi integrante do primeiro grupo feminino a receber treinamento político e militar da FRELIMO formou o DF. Sua poesia faz parte do livro Antologia da poesia feminina dos PALOP de Xosé Lois García publicado em 1998.

<sup>47</sup> Joana Nachake foi integrante do primeiro grupo feminino a receber treinamento político e militar da FRELIMO formou o DF. Sua poesia faz parte do livro Antologia da poesia feminina dos PALOP de Xosé Lois García publicado em 1998.

da Frelimo, reforçava a ideia do movimento de vanguarda de uma luta libertária socialista e emancipatória. A Frelimo se reivindicava herdeira da luta revolucionária de Josina Machel e a única capaz de continuar o seu trabalho.

A biografia de Josina Machel foi contada pela Frelimo através da revista Tempo e das publicações oficiais do Partido e pouco foi conhecido sobre a vida dela em outras fontes. A primeira biografia de Josina Machel, no qual continuaremos a nos aprofundar no próximo subcapítulo, foi publicada pela Frelimo em seis de abril de 1975 pela Revista Tempo e foi um marco importante para o início da criação e utilização da sua imagem, quatro anos após sua morte, no ano da independência do país. Esse fato auxilia na construção de uma imagem de mulher do tipo ideal para o movimento. Afora isso, pouco se sabe de sua vida pessoal e política além do que está posto nas páginas escritas pela Frelimo.

### **2. 3. “Símbolo da mulher moçambicana emancipada”: A instrumentalização política de Josina Machel através de sua biografia**

Neste subcapítulo investigaremos a Revista Tempo número 236, publicada em seis de abril de 1975. Sua capa é composta por um retrato de Josina Machel sorrindo onde se lê como título “Camarada Josina Machel, símbolo da libertação da Mulher Moçambicana. Quarto aniversário da sua morte”. Como forma de homenagem, o conteúdo da revista é dedicada a explicar a vida, a obra e as motivações que levaram a Frelimo a escolher Josina Machel como símbolo da mulher moçambicana emancipada. Em uma grande pergunta de abertura da revista “Porquê o dia da morte da Camarada Josina Machel para Dia da Mulher Moçambicana?” (TEMPO, 1975, p.4), podemos entender as motivações da Frelimo em sua resposta:

Josina Machel foi uma mulher engajada totalmente na Revolução, militante na clandestinidade, duas vezes detida - uma pela PIDE e outra pelas autoridades britânicas, combatente, organizadora, companheira e esposa, ela representa a mulher consciente, representa a vitória sobre as amarras da tradição, simboliza a total abnegação em prol da Revolução. (TEMPO, 1975, p.4)

É interessante notar que não são raras as vezes em que novas informações sobre Josina Machel são reveladas nas publicações da Frelimo. Nesse caso, podemos ler que duas vezes ela foi presa pelo seu trabalho clandestino militante, entre elas uma pela

Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE)<sup>48</sup> e outra pelas autoridades britânicas. Como veremos, novas informações sobre Josina Machel, como nesse caso a sua segunda prisão, funcionam de maneira a instrumentalizar a sua imagem como “um guia de encorajamento para outras mulheres” (TEMPO, 1975, p.5).

Grande parte da sua biografia se dedica com detalhes as passagens tortuosas de Josina Machel para alcançar a base militar da FRELIMO na Tanzânia, fato que marca suas prisões e o início de sua trajetória na Frente. É importante ressaltar que essa passagem revela uma série de privações e fome, ou seja, dos sacrifícios de Josina para integrar as fileiras da Frente. Como no trecho que segue:

Moçambique e a Suazilândia poderia gozar meia liberdade, uma vez que o governo britânico concedia asilo político aos moçambicanos. A Suazilândia ainda não estava independente. Essa meia liberdade porém transformava -se em verdadeira prisão por causa da situação geográfica daquele país, que fica entre Moçambique e a África do Sul. A única possibilidade de se ganhar a liberdade completa seria atravessar a terra do «apartheid» em direcção ao Protectorado britânico da Bechuanalândia, actual Botswana, daqui para a Zâmbia e depois Tanzânia. (TEMPO, 1975, p.6).

Trajectoria difícil da qual Josina Machel enfrenta até alcançar a Tanzânia e ser reconhecida como uma valorosa militante por enfrentar seus sacrifícios. Podemos afirmar ainda que em alguns momentos sua biografia torna-se poética e simbólica. Entre esses fatos, o momento da sua morte é emblemático e torna-se um exemplo da instrumentalização política de, inclusive, momentos sensíveis de sua vida pessoal:

O seu espírito revolucionário em aceitar os sacrifícios, comoveu os médicos e camaradas que com ela estava. Momentos antes de morrer disse-nos:

*«Deixo atrás de mim duas preocupações, a Revolução e a minha família».*

A sua morte privou a Revolução de um valor incalculável e privou a Mulher Moçambicana de uma líder esclarecida. Mas o trabalho continua. Na FRELIMO, quando um camarada cai, outro carrega a sua arma e continua a luta. (TEMPO, 1975, p.8. Grifo original)

A sua imagem reforçava a dor da perda familiar. A tragédia e dor da guerra é substituída pela esperança da Revolução e na reconstrução nacional. Esses momentos, de modo geral, são acompanhados por poesias atribuídas a Samora M. Machel. Como se lê:

---

<sup>48</sup> A PIDE foi responsável pela prisão, tortura e morte de muitos militantes da FRELIMO durante todo o período de luta anticolonial. Josina Machel, segunda a documentação oficial da Frelimo, foi presa na fronteira da Zâmbia com a Rodésia e levada a PIDE quando tentava alcançar o centro de treinamento político e militar da FRELIMO na Tanzânia.

*As flores que caem da arvore  
[vêm preparar a terra  
Para que novas e mais belas  
flores cresçam na estação se  
[guinte  
A tua vida continua nos que  
[continuam a Revolução (TEMPO, 1975, p.8. Grifo original).*

Como uma verdadeira heroína, após uma trajetória de sacrifícios e trabalho, a sua morte é dramática, misteriosa e pouco esclarecida mas não o ponto final de sua história. Em sua biografia consta apenas que “sua saúde deteriorou-se e foi forçada a aceitar ser levada para a Tanzânia” (TEMPO, 1975, p.8.). As poucas palavras sobre a causa da sua morte contrastam com as páginas contendo os detalhes de sua trajetória política e pessoal.

Nem sempre o momento trágico de sua morte foi carregado de tristeza e muitas vezes foi exaltado por diversos departamentos da FRELIMO, entre eles o próprio departamento de defesa, setor coordenado por Samora M. Machel antes de se tornar líder da FRELIMO, e que contribuíram para construir a figura de Josina. Segundo a biografia, essa foi a mensagem do departamento, em 1972:

Parece estranho comemorar-se a morte de alguém. Mas neste caso é importante fazê-lo, para que o nosso povo seja animado pelo exemplo da vida da Camarada Josina (...) na luta pela libertação nacional, para a construção de uma nova sociedade, particularmente, pela emancipação e integração da Mulher na Revolução...Os obstáculos criados pelos preconceitos reaccionários sobre a mulher, existentes na sociedade tradicional ou trazidos pelo colonialismo, começam a ser afastados pelo exemplo da Camarada Josina que protestou abertamente contra eles.... Por ocasião do primeiro aniversário da sua morte, o Departamento de Defesa deseja exprimir a sua profunda admiração e respeito pela coragem total, determinação e espírito revolucionário patenteados durante a vida pela Camarada Josina....» (TEMPO, 1975, p.8.)

Pareceria estranho comemorar a morte de alguém, se esse alguém não passasse por um processo de instrumentalização de sua figura como um símbolo eternizado nas páginas da FRELIMO. E foi no esforço de immortalizar a sua imagem como exemplo de militância, coragem e emancipação, dedicada às mulheres, que a FRELIMO sempre se mostrou disposta a recontar incansáveis vezes sua trajetória até a popularização de sua figura, assim como, manteve todos os seus departamentos vinculados a esse objetivo como podemos perceber nos trechos selecionados e que compõem a biografia analisada:

« ...foi sempre completamente dedicada à Revolução, corajosa com alta consciência política....» (Comité Provincial de Cabo Delgado)

«...as actividades que ela empreendeu para a luta e o exemplo do comportamento, no qual ela colocou a Revolução acima de tudo, incluindo ela própria, fez dela uma heroína.... Ela morreu por causa do pesado trabalho que lhe minou a saúde.... A sua contribuição para a Revolução, o seu trabalho no meio do Povo e internacionalmente, chefiando a Mulher Moçambicana no caminho da sua emancipação e fazendo com que a sua voz fosse ouvida no estrangeiro, foi incalculável....» (Comité Provincial do Niassa)

«...viveu e morreu para que Moçambique pudesse ser livre. Ela representa a coragem e dedicação, o glorioso espírito de luta da Mulher da FRELIMO. Ela não pertence apenas à FRELIMO.. Josina, pertence a todas as mulheres onde quer que se lute pela libertação. » (Mulheres do A. N. C.) (TEMPO, 1975, p.8.)

Dessa forma, não apenas Samora Moisés Machel através das publicações da Frelimo na Revista Tempo, como diversos outros políticos moçambicanos atuaram na construção da imagem de Josina Machel. Assim como, a imagem de Josina Machel foi promovida não apenas pelos órgãos que faziam parte da própria Frelimo como o Comité Provincial de Cabo Delgado ou do Comité Provincial do Niassa, mas também, por organizações internacionais importantes como a African National Congress (A.N.C)<sup>49</sup> partido e movimento político sul africano responsável pela defesa dos direitos da população negra do país e parceiro indispensável da Frelimo. O que se sabe, entretanto, é pouco sobre a sua vida pessoal e muito sobre o que ela significou para o projeto político e ideológico da Frente. Sua figura pública era moldada a partir das necessidades políticas do período das publicações que a homenageavam. Até hoje sua figura é mobilizada, em sua maioria por figuras políticas que defendem a igualdade social e de gênero em Moçambique.

Após a análise da biografia selecionada para esta investigação é necessário salientar dois pontos importantes para o trabalho. Primeiro, a figura da “Nova mulher”, segundo o discurso oficial, seria aquela que coloca os interesses do projeto político e ideológico nacionalista da Frelimo acima da sua própria vida. Outro ponto importante é notar que a autoria dos poemas feitos pelo viúvo e líder político Samora Machel vincula a sua imagem à da revolucionária abnegada, que se sacrifica pela pátria. Dessa maneira, a Frelimo reivindicou o lugar de guia da nação e utilizou a figura de Josina Machel como

---

<sup>49</sup> Fundado em 1912, a figura mais proeminente da A.N.C foi Nelson Mandela.

afirmação de seu projeto político e ideológico articulador da “Nova mulher” moçambicana.

## Considerações finais

Após a análise da primeira biografia escrita sobre Josina Machel produzida pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), em 1975, alvo da investigação desta pesquisa interessada em averiguar como essa biografia apresenta a trajetória de Josina Machel refletindo sobre a utilização política da imagem associada a ela apontaremos a seguir algumas considerações finais.

Em nenhum momento durante a análise da fonte histórica que compõem essa investigação, esteve presente a preocupação do projeto político e ideológico da Frelimo com questões femininas que não estivessem vinculadas a reconstrução nacional. Sendo assim, a emancipação da mulher sempre esteve a serviço do projeto político nacional, sem espaços de diálogo de questões exclusivamente femininas que pudessem ir contra os princípios estabelecidos pelo Partido no poder. A situação da mulher era um assunto exclusivamente da Organização da Mulher Moçambicana. As ausências de um discurso democrático, agregador da diversidade da população levaram a ignorar outras opressões sofridas pelas mulheres fora da esfera pública. As ausências desses apontamentos balizaram o projeto político que não questionava todas as posições privilegiadas do homem na sociedade.

Importa ainda perceber que o processo revolucionário foi fundamental para a criação de espaços exclusivos e conquistados por mulheres, como o Destacamento Feminino e a Organização da Mulher Moçambicana, promoveram oportunidades de participação política através das campanhas de alfabetização e na modificação de leis e estatutos estabelecidos como objetivos centrais após 1977 durante o III Congresso da FRELIMO. Nesse sentido, foi imperativo refletir sobre o papel da mulher na sociedade moçambicana, elevando-a pela primeira vez como cidadã.

Após assumir como governo, o Partido Frelimo torna a figura da Josina Machel, representante da “mulher nova” moçambicana. As biografias publicadas em revistas do Partido sobre Josina resumem o padrão único de mulher estabelecido pela Frente. Considerada “exemplo vivo da mulher moçambicana” na construção da nova sociedade, a sua imagem refletia a essência da heroína revolucionária, intimamente ligada a luta pela eliminação de opressões identificadas pelo Partido. Dessa forma, Josina se tornou ícone da emancipação feminina e o dia sete de abril, data de sua morte, foi escolhido como dia da mulher moçambicana. Sua imagem foi moldada em resposta ao momento político e

permaneceu como um “guia de encorajamento” para a continuação da luta travada pelo Partido.

Dentro da perspectiva do feminismo internacional, as representações heroicas de mulheres ativistas anticoloniais como Josina Machel promoveram uma identificação por meio de um sentido essencializado sobre a mulher moçambicana, mas por outro lado, ofereceu possibilidade de agenciamento das mulheres através das ações da OMM. Esse agenciamento estava fundamentado na representação de um movimento revolucionário histórico de libertação nacional, que comunicou suas interpretações sobre suas identidades, histórias, ideologias e objetivos.

A morte de Josina Machel também foi utilizada para sensibilizar a separação permanente causada pelos conflitos armados anticoloniais de maridos e esposas, bem como mães e filhos, devido à guerra. Muitas vezes transmitiu a tragédia da guerra simbolizada na perda materna e heteronormativa<sup>50</sup>. Portanto, dada a ênfase na proteção da família, da resistência das mulheres ao colonialismo e sua participação na guerra civil necessitaram transcender os papéis de gênero estabelecidos.

Sua figura como símbolo da emancipação feminina é evocada constantemente até os dias atuais. Esse fato é nítido, não apenas das diversas crianças mulheres que recebem o nome de Josina como homenagem, como seu nome está em aldeias, ruas, bairros, avenidas, escolas e hospitais. Além de seu nome, o 7 de abril, data que eterniza sua presença também consta como homenagem em diversos locais. Não apenas em Moçambique, Angola ostenta o Hospital Josina Machel em sua capital como homenagem a sua figura.

Dito isso, fica patente a importância das nuances contextuais que estavam inseridos na imagem de Josina Machel como instrumento político da Frelimo. O estudo histórico é fundamental para a reflexão das múltiplas mobilizações do passado, e é sobretudo, um olhar atento à historicidade dos significados atribuídos. Ao mesmo passo em que cresce o número de pesquisas nas ciências humanas sobre gênero, mulheres e feminismos torna-se imprescindível refletir sobre a pluralidade dos processos que pautaram a emancipação da mulher bem como a construção de mulheres símbolos de lutas femininas em diferentes escalas e contextos históricos.

---

<sup>50</sup> É necessário salientar que a heteronormatividade, entre as décadas de 1960 e 1970, estava relacionada a luta anticolonial na defesa do núcleo familiar e da nação, na defesa das mulheres como esposas, mães e educadoras das novas gerações.

## **Bibliografia**

- 5ª SESSÃO DO COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. **Revista Voz da Revolução**, 1972. ATA DO I CONGRESSO. Disponível em: Biblioteca Digital da University of Southern California (USC). Disponível em: <<http://digitallibrary.usc.edu/cdm/compoundobject/collection/p15799coll60/id/9258/rec/1>> Acesso em set.2017
- AMADIUME, Ifi. **Male Daughters, Female Husbands: Gender and Sex in an African Society**. London/New Jersey:Zed Books, 1998.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ATA DO II CONGRESSO. In: MUIUANE, Armando Pedro. **Datas e Documentos da FRELIMO. De 1960 a 1975- O ano da independência de Moçambique**. 3. ed. Maputo: nov. 2006. p. 92- 104.
- CAHEN, Michel. “**Não Somos Bandidos**”. A vida diária de uma guerrilha de direita: A Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985). Lisboa: Imprensa do ICS, 2019.
- CARDINA, Miguel. **À Margem de Certa Maneira**. O Maoismo em Portugal. Lisboa: Tinta da China, 2011
- CASIMIRO, Isabel Maria. **Samora Machel e as Relações de Gênero**. Centros de Estudos Africanos. Estudos Moçambicanos. Maputo: 2005. p. 55 - 81.
- \_\_\_\_\_. **Paz na terra, guerra em casa: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique**. Maputo: Promédia, 2004.
- CATROGA, F. **Nação, mito e rito: Religião Civil e Comemoracionismo**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.
- COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. **A mulher é elemento transformador da sociedade**. Coleção Estudos e Orientações. n. 10. Maputo: outubro de 1976.
- CORREIA, Sônia; HOMEM, Eduardo. **Moçambique primeiras machambas**. Rio de Janeiro: Margem, 1977.
- COSSA, L. J. **A autoridade tradicional em Moçambique no século XX: estudo dos distritos de Mandlakazie Chibuto–Província de Gaza**. UFRGS, 2018
- FERRÃO, Virgílio. **Compreender Moçambique**. Maputo: DINAME, 2002.
- HAAN, Francisca de. “The Global Left-Feminist 1960’s. From Copenhagen to Moscow and New York” In: In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN,

J. **The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation-Building.** New York: Routledge, 2018, pp.230-242.

MILHAZES, José Samora Machel. **Atentado ou acidente?** Lisboa: Alêtheia, 2010.

MONTEIRO, Katani Maria Nachimento; MÉNDEZ, Natalia Pietra. Gênero, biografia e ensino de História. **Aedos** n. 11 vol. 4. Setembro de 2012.

MUIUANE, Armando Pedro. **Datas e Documentos da FRELIMO.** De 1960 a 1975- O ano da independência de Moçambique. Maputo: 2006.

NEWITT, Malyn. **História de Moçambique.** Lisboa: Publicações Europa-América: Dezembro, 2012

OSÓRIO, Conceição. **Os ritos de iniciação em Moçambique.** Maputo: WSLA Moçambique, 2014.

PAREDES, Marçal de Menezes. **A construção da Identidade Nacional Moçambicana no pós-Independência:** sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. Dossiê África. Porto Alegre, Anos 90, v. 21, n. 40, p. 131-161, dez. 2014. ok

POLLACK, M. Memória, silêncio, esquecimento. Rio de Janeiro: **Estudos históricos,** v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RESOLUÇÕES DO 2º. CONGRESSO. Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade, Moçambique, 1968. Disponível em: <[http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_84127](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84127)> . Acessado: 05 de fevereiro de 2019.

**Revista Tempo,** n. 236, Lourenço Marques, 1975.

REZOLA, Maria Inácia. “Do Romantismo Revolucionário à Política Real: a Revolução Portuguesa de 1974-1975. In: GONÇALVES, Leandro & PAREDES, Marçal de M. **Depois dos Cravos.** Liberdades e Independências. Porto Alegre: Edipucrs, 2017

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas: Unicamp, 2007.

SANTANA, Jacimara Souza. A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985). **Revista SANKOFA de História da África e de Estudos da Diáspora Africana.** São Paulo. n. 4 dez. 2009.

\_\_\_\_\_. **Mulher e Notícias:** os discursos sobre as mulheres de Moçambique na Revista Tempo (1975-1985). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade Federal da Bahia, 2006.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias e regimes de historicidade. **Métis: História & Cultura.** V.2, n.3. p.57-72. jan/jun, 2003.

THOMAZ, Omar R. **Moçambique: Identidade, colonialismo e libertação** - Não vamos esquecer. Via Atlântica, USP, n.16, 2009.

\_\_\_\_\_. Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**. 2008, p. 177-214.

TZU-CHUN WU, Judy. “Hypervisibility and Invisibility. Asian/American women, radical orientalism, and the revisioning of global feminism”. In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN, J. **The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation-Building**. New York: Routledge, 2018, pp.211-229;  
ZAMPARONI, Valdemir Donizette. **Chibalo: trabalho livre, trabalho escravo? As discussões em torno do trabalho compulsório em Moçambique Colonial**. In: Colóquio Internacional Universidade de Évora, 2001. Porto: Universidade de Évora, 2001.

ZIMBA, Benigna. **A Mulher Moçambicana na Luta de Libertação Nacional: Memórias do Destacamento Feminino**. Maputo: Organização da Mulher Moçambicana, 2012.